

GEOGRAFIA I

AUTORES

Carmen Rejane Flores Wizniewsky

Eliane Maria Foletto

Marilucia Ben Dos Reis

Valdir Skrzypczak

João Silvano Zanon



EDUCAÇÃO DO CAMPO

GEOGRAFIA I

AUTORES

Carmen Rejane Flores Wizniewsky

Eliane Maria Foletto

Marilucia Ben Dos Reis

Valdir Skrzypczak

João Silvano Zanon

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria | RS

2018

©Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.
Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da
Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Michel Temer

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Mendonça Filho

PRESIDENTE DA CAPES

Abilio A. Baeta Neves

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

REITOR

Paulo Afonso Burmann

VICE-REITOR

Luciano Schuch

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO

Frank Leonardo Casado

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Martha Bohrer Adaime

COORDENADOR DE PLANEJAMENTO ACADÊMICO E DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Jerônimo Siqueira Tybusch

COORDENADORA DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Prof^a. Carmen Rejane Flores Wizniewsky

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

COORDENADOR UAB

Reisoli Bender Filho

COORDENADOR ADJUNTO UAB

Paulo Roberto Colusso

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Carmen Rejane Flores Wizniewsky, Eliane Maria Foletto, Marilucia Ben Dos Reis
Valdir Skrzypczak, João Silvano Zanon

REVISÃO LINGUÍSTICA

Camila Marchesan Cargnelutti
Maurício Sena

APOIO PEDAGÓGICO

Carmen Eloísa Berlote Brenner
Caroline da Silva dos Santos
Keila de Oliveira Urrutia

EQUIPE DE DESIGN

Carlo Pozzobon de Moraes – Ilustrações
Juliana Facco Segalla – Diagramação
Matheus Tanuri Pascotini – Capa e Ilustrações
Raquel Bottino Pivetta – Diagramação

PROJETO GRÁFICO

Ana Letícia Oliveira do Amaral



G345 Geografia I [recurso eletrônico] / Carmen Rejane Flores Wizniewsky ...
[et al.]. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.
1 e-book

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional
da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB
Acima do título: Educação do campo
ISBN 978-85-8341-220-5

1. Geografia I. Wizniewsky, Carmen Rejane Flores II.
Universidade Aberta do Brasil III. Universidade Federal de Santa
Maria. Núcleo de Tecnologia Educacional

CDU 911

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM



Ministério da
Educação



APRESENTAÇÃO

A disciplina *Geografia I* objetiva conhecer a história do pensamento, analisar e relacionar conceitos, bem como as categorias geográficas, a fim de compreender as dinâmicas e as transformações do espaço mundial na atualidade. A disciplina também pretende proporcionar aos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo o conhecimento dos diferentes processos de desenvolvimento econômico e social e a compreensão da problemática espacial intrínseca aos processos de apropriação/expropriação. Também é objetivo da Disciplina compreender os processos de territorialização do capital e monopolização do território no mundo contemporâneo.

Na presente obra, serão desenvolvidas as seguintes Unidades: a Unidade 1 apresenta a história do pensamento geográfico e em especial o pensamento geográfico brasileiro; a Unidade 2 apresenta a caracterização dos principais conceitos ou categorias geográficas: o Espaço Geográfico, Território, Lugar, Região, Paisagem e Redes Técnicas; a Unidade 3 contempla a utilização dos recursos como fator de desenvolvimento socioeconômico; a Unidade 4 pretende promover a reflexão sobre a globalização da economia, seu histórico e perspectivas, a partir de análises do Território e Capital. Assim, a obra proporcionará conhecimentos para compreender a forma que o capital se territorializa e como o mesmo monopoliza o território em um mundo contemporâneo globalizado.

ENTENDA OS ÍCONES



ATENÇÃO: faz uma chamada ao leitor sobre um assunto, abordado no texto, que merece destaque pela relevância.



INTERATIVIDADE: aponta recursos disponíveis na internet (sites, vídeos, jogos, artigos, objetos de aprendizagem) que auxiliam na compreensão do conteúdo da disciplina.



SAIBA MAIS: traz sugestões de conhecimentos relacionados ao tema abordado, facilitando a aprendizagem do aluno.



TERMO DO GLOSSÁRIO: indica definição mais detalhada de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

SUMÁRIO

▷ APRESENTAÇÃO ·5

▷ UNIDADE 1 – HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO ·9

Introdução ·11

1.1 A evolução do pensamento geográfico ·12

1.2 O pensamento geográfico brasileiro ·26

▷ ATIVIDADES DE REFLEXÃO OU FIXAÇÃO ·33

▷ UNIDADE 2 – AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA ·34

Introdução ·36

2.1 O espaço Geográfico ·37

2.2 O território ·39

2.3 O lugar ·40

2.4 A região ·41

2.5 A paisagem ·42

2.6 As redes técnicas ·44

▷ ATIVIDADES DE REFLEXÃO OU FIXAÇÃO ·46

▷ UNIDADE 3 – A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO ·47

Introdução ·49

3.1 A disponibilidade de matérias-primas e a produção de energia ·50

3.2 A força de trabalho ·55

3.3 Agricultura e industrialização ·62

3.4 O espaço de circulação ·67

▷ ATIVIDADES DE REFLEXÃO OU FIXAÇÃO ·71

UNIDADE 4 – A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS ·72

Introdução ·74

4.1 Evolução histórica do mundo globalizado ·75

4.2 Globalização do mundo contemporâneo ·89

4.3 As perspectivas mundiais frente aos processos de territorialização do Capital ·93

▷ **ATIVIDADES DE REFLEXÃO OU FIXAÇÃO ·95**

▷ **CONSIDERAÇÕES FINAIS ·97**

▷ **REFERÊNCIAS ·98**

▷ **APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES ·103**

1

HISTÓRIA DO
PENSAMENTO
GEOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

A Unidade I, intitulada *História do Pensamento Geográfico*, faz um recorrido ao pensamento dos geógrafos que contribuíram com a construção epistemológica da ciência geográfica. Nesse sentido, em um primeiro momento, na subunidade 1.1 Evolução do pensamento geográfico, serão abordados aspectos significativos da geografia moderna e da geografia clássica; na subunidade 1.1.1 A contribuição teórica da geografia, serão abordados aspectos mais relevantes que marcaram a história do pensamento geográfico, como os autores Vidal de La Blache e Karl Ritter. A subunidade seguinte, 1.1.2 As escolas do pensamento geográfico, apresenta-se da seguinte forma: 1.1.2.1 A Geografia Tradicional ou Clássica, 1.1.2.3 A Geografia Quantitativa ou Teorética, e 1.1.2.4 A Geografia Crítica – nessas, serão desenvolvidas as caracterizações das importantes escolas da Geografia.

A subunidade 1.2 O pensamento Geográfico Brasileiro fará um recorrido teórico da ciência geográfica no Brasil, suas raízes e principais vertentes teóricas, além de caracterizar o pensamento geográfico através dos autores que tiveram destaque na geografia brasileira. Assim, essa subunidade tratará de situar os estudantes da disciplina *Geografia I* sobre aspectos gerais das raízes do pensamento geográfico, a partir das concepções da ciência e das contribuições na formação desta ciência no Brasil. Essa subunidade estará assim organizada: 1.2.1 A origem da Geografia brasileira; sendo descrita aqui a origem da Geografia brasileira, da seguinte forma: 1.2.1.1 A Geografia Clássica brasileira; 1.2.1.2 A renovação da geografia brasileira, na qual será abordada a importância da Geografia Quantitativa ou Teorética e a Geografia Crítica.

1.1

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

A Geografia, que etimologicamente é a descrição da Terra, é um ramo da ciência tão antigo quanto a história do homem na Terra. É uma disciplina cheia de complexidades e polêmicas, isso porque, para seguir em seu processo evolutivo, o homem teve que conhecer a natureza, representá-la e transformá-la, como forma de sobreviver e reproduzir-se socialmente. A geografia ganha importância à medida que contribui para a trajetória humana durante o período pré-científico.

Segundo Becker (2006), o período pré-científico, que vai do início da sociedade até o surgimento da escrita, é aquele em que os povos primitivos transmitiam seus conhecimentos através de desenhos nas cavernas e da oralidade, passando, dessa forma, os conhecimentos geográficos de geração a geração. “Assim as ideias geográficas, a técnica e a arte de representação auxiliavam no processo de movimentação dos grupos humanos, na atividade de coletar alimentos, caçar animais e ainda de dominar e conviver com seus inimigos naturais” (BECKER, 2006, p. 13).

Ao longo da história da humanidade, a geografia foi se instrumentalizando e influenciando os Estados e conhecendo suas culturas. Como pode ser observado no Quadro 1, é possível perceber como ela passou por transformações à medida que o mundo também se transformava.

QUADRO 1 – As feições da Geografia na história: da Antiguidade ao Iluminismo

Na Antiguidade, a geografia é um registro cartográfico de povos e territórios. Estado, viajantes, e comerciantes requerem do geógrafo as informações de caráter estratégico que os orientam em seus deslocamentos no interior dos modos espaciais de vida de cada povo. De maneira que a geografia e o geógrafo agem e se exprimem através do método e da linguagem que combinam no mapa os símbolos da cosmogonia e as informações territoriais de cada um dos povos, úteis para os fins da ação prática.

Na Idade Média, a influência da Igreja leva a geografia a ser uma forma de visão que referenda o imaginário bíblico de um mundo criado por Deus à sua imagem e semelhança. Por isso a geografia medieval é uma extensão da Bíblia e o geógrafo um cartógrafo do fantástico.

No Renascimento, a geografia é uma forma de cosmologia destinada a ajudar a conceber o mundo como um grande sistema matemático-mecânico. E o geógrafo é transformado num cartógrafo do movimento dos corpos celestes em seus rebatimentos geodésicos sobre a superfície terrestre, referendando uma visão de mundo natural e dessacralizada.

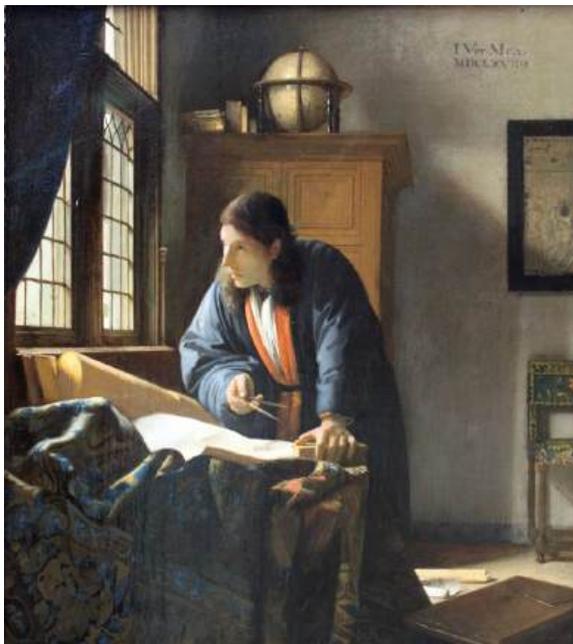
Entre o Renascimento e o Iluminismo a geografia se duplica. De um lado volta a ser uma cartografia do fantástico, mas desta vez para realçar o imaginário de uma Europa nacional em contraste com um mundo de bárbaros que a razão europeia deve conquistar e civilizar. De outro lado, é uma cartografia da precisão, voltada para o fim prático de orientar os naturalistas e navegadores que se lançam à conquista do mundo desconhecido.

O século XVIII, Iluminista, marcado pela Revolução Industrial e pela ascensão da burguesia à condição de classe dominante, é a consolidação dessa geografia e de um perfil de geógrafo que mapeie o mundo com o rigor matemático da localização e da cubagem dos recursos que a nova economia decreta como prioridade das prioridades. “A geografia se transforma então na ciência dos grandes espaços.”

FONTE: (MOREIRA, 2007, p. 14-15).

É importante observar que a evolução do pensamento geográfico, ao longo do tempo e do espaço, traz diversas contribuições, merecendo destaque o trabalho da cartografia, como forma de representação do espaço para melhor compreendê-lo. Na figura 1, pode ser observada uma ilustração intitulada *O Geógrafo*, pintura de Johannes Vermeer, obra concluída em 1669, que retrata uma profissão de destaque e respeito na época, devido ao interesse dos Estados nas expansões territoriais.

FIGURA 1 - Ilustração de O Geógrafo, por Johannes Vermeer, em 1669.



FONTE: Blog Gotas de Orvalho. Disponível em: <http://gotas_de_orvalho.blogs.sapo.pt/13125.html>.

A importância da Geografia está relacionada à necessidade de se conhecer o espaço geográfico. Este pode ser entendido como o espaço produzido pelo homem e que está em constante transformação ao longo do tempo. Podemos dizer, então,

que o espaço geográfico possui um caráter histórico e, por isso, é capaz de contar a história e as características da ação humana sobre o meio em que vive. Além do mais, também é campo de estudo da Geografia toda a dinâmica superficial da Terra.

1.1.1 A Sistematização da Geografia: em busca do status científico

Segundo Pereira et al. (1993), o desenvolvimento da cartografia ocorreu nos séculos xv e xvi, em função das grandes descobertas. Nessa época, os trabalhos geográficos eram dispersos, não havendo uma sistematização ou padronização; por essa razão, a geografia, naquele momento, não tinha status de ciência. Sobre isso, as autoras comentam:

A variedade dos temas e a descontinuidade dos temas e a descontinuidade das formulações é tal que se torna impossível falar em Geografia como uma ciência, como um saber autônomo. Para Nelson Werneck, no século xviii, encerra-se o longo período inicial, preliminar, preparatório da Geografia, sua pré-história (AMARAL et. al., 1993, p. 49).

A partir do início do século xix, a Geografia segue seu caminho em busca do seu status científico, que será alcançado na Alemanha. Assim, esta ciência jovem atualmente guarda marcas e características do momento em que se institucionalizou.

Na literatura histórica que trata de descrever a evolução do pensamento geográfico, é consenso de que o marco inicial da Geografia Moderna está presente nas obras de Alexandre Von Humboldt e de Karl Ritter, o primeiro era naturalista e viajante e o segundo era historiador e filósofo. Ambos deram um grande impulso à sistematização geográfica, sendo responsáveis por colocar a geografia na modernidade e dando a esta um objeto próprio, além de desenvolverem em seus estudos os pressupostos teóricos geográficos. Segundo Becker (2006), a Alemanha foi o berço da geografia como ciência. De acordo com a autora:

[...] os responsáveis pela sistematização da geografia estavam ligados a aristocracia: Alexandre Von Humboldt, conselheiro do rei da Prússia, e Karl Ritter, tutor de uma família de banqueiros. Ambos são contemporâneos e vivenciaram o início do processo de unificação do Estado Alemão (BECKER, 2006, p. 48).

No contexto da inexistência de um Estado Nacional e unificado, faltava um ponto de convergência que organizasse o espaço para melhor desenvolver as ações econômicas que eram de extrema relevância, ao ponto de serem, em grande medida, responsáveis pelas discussões geográficas. Segundo Becker, “entre as discussões recorrentes merecem destaque temas como: domínio e organização do território, apropriação do território, variação regional, entre outros, que expressavam preocupação com a unificação do Estado Alemão em que a questão do espaço era primor-

dial” (BECKER, 2006, p. 48). Assim, a geografia é sistematizada na Alemanha, lugar onde são fundados os primeiros institutos e as primeiras cátedras, onde Humboldt e Ritter ocuparam altos cargos nas universidades daquele Estado.

1.1.2. As escolas do pensamento geográfico

Na gênese do pensamento geográfico houve várias transformações no que se refere a seus conceitos, temas e epistemologias, motivadas pela busca do objeto de estudo da Geografia. Muitas correntes de pensamento geográfico ganharam destaque, e autores debatiam os conceitos e categorias abordados, com o objetivo de unificar essas concepções. Como resultado desse processo, surgem as principais escolas do pensamento geográfico: Geografia Tradicional, Geografia Quantitativa ou Teorética, Geografia Crítica e Geografia Humanística. Essas escolas realizaram estudos que resultaram na construção de conceitos que hoje servem como base para os estudos na área da Ciência geográfica. Para entender a Geografia contemporânea, é imprescindível compreender suas transformações teórico-metodológicas ao longo de sua história.

1.1.2.1. A Geografia Tradicional ou Clássica

A Geografia Tradicional, também conhecida como Geografia Clássica foi a primeira escola geográfica, tendo como base a concepção conhecida como positivista, ou seja, vinculada ao termo positivismo, fundado por Augusto Comte. Assim, conforme Becker (2006), essa escola usa o positivismo para fazer referência ao certo frente ao incerto, ou ao real frente ao irreal. A autora afirma que:

os positivistas propõem explicações abrangentes do mundo, compreensão de todos os fenômenos do real, afirmação das possibilidades da razão humana e da aceitação de uma nova ordem. Proposições formuladas a partir do racionalismo, do iluminismo e do liberalismo, possuindo como suporte a exaltação à natureza, a lei do meio natural e regional e a racionalidade (BECKER, 2006, p. 49).

Humboldt e Ritter foram os primeiros a sistematizar a geografia e elevá-la a um status científico. A Geografia foi por muito tempo baseada na descrição, sua importância em primeira instância era a confecção de mapas, que serviram para orientar as grandes navegações; porém, a Geografia, naquele momento, não tinha o intuito de ir além em suas abordagens, que eram meramente descritivas.

Com o tempo, surgiu a necessidade de uma sistematização, que traria à Geografia os ares de ciência que tanto precisava. Essa sistematização foi proposta e desenvolvida por Alexandre Von Humboldt (Figura 2) e Karl Ritter (Figura 3). Sobre eles, Moraes (2010, p. 63) comenta: “a obra destes dois autores compõe a base da Geografia Tradicional. Todos os trabalhos posteriores vão se remeter às formulações de Humboldt e Ritter, seja para aceitá-las ou refutá-las”.

Com a Geografia Tradicional, surge a dicotomia entre os estudos dos fenômenos da sociedade ou humanos e os fenômenos físicos. Segundo Cavalcanti (2010), a questão era como uma única ciência poderia estudar fenômenos tão distintos. Neste sentido, a Geografia Física aparece por seu forte potencial teórico e metodológico, conseguindo se organizar. Naquele momento, isso não aconteceu com a Geografia Humana, a qual tardou em estabelecer seus objetivos, marcos teóricos e metodológicos.

FIGURA 2 – Ilustração de Alexandre Von Humboldt

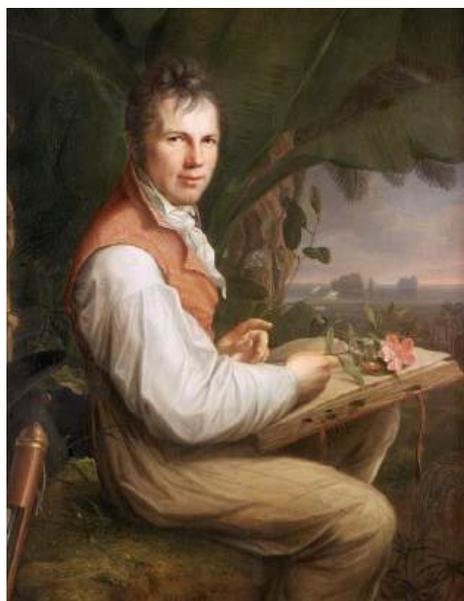


FONTE: Wikipédia. Disponível em: https://sl.wikipedia.org/wiki/Alexander_von_Humboldt



INTERATIVIDADE: documentário disponível no youtube sobre Alexandre Von Humboldt: <https://www.youtube.com/watch?v=bbx6ryFoZVY>

FIGURA 3 – Ilustração de Karl Ritter



FONTE: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_von_Humboldt



INTERATIVIDADE: recurso didático disponível no youtube sobre Karl Ritter: <https://www.youtube.com/watch?v=026j21k4720&t=50s>

O Quadro 2 apresenta uma síntese, elaborada por Moreira (2008) sobre a influência da Geografia Tradicional na formação da Geografia Física, sendo possível identificar a Geografia Física fortemente influenciada pelas ciências como a Geologia, Meteorologia, Matemática e Biologia.

QUADRO 2 – Síntese do Elenco da Geografia Física

“O elenco da Geografia Física vai concentrar-se na Geomorfologia e Climatologia, a que se acrescenta a Biogeografia mais à frente (Gregori, 1992). O modelo é a Física newtoniana. Tanto os fenômenos geomorfológicos quanto os climáticos são explicados pela lei da gravidade. A Geomorfologia nasce na fronteira da Geologia e seu discurso vai ser um “mix” de Física clássica e Geologia, modelizado na relação matemática. Tenta com o tempo fugir do problema da excessiva identificação com esta, vindo a ser definida como o estudo das formas de relevo terrestre, as formas e a escala de tempo, distinguindo da Geologia. A Climatologia vai surgir na fronteira da Meteorologia e seu discurso praticamente se confunde com o discurso dos modelos matemáticos desta, com a ressalva de dar maior atenção às formas do projetamento dos fenômenos meteorológicos na superfície terrestre, cuidando do clima e do seu mapeamento. A Biogeografia surge na fronteira com a Biologia, uma ciência que mostra já no século XIX a dificuldade de sustentação da relação matemática e o fundamento e conteúdo da natureza, sobretudo, com o advento da teoria da evolução do homem, de Darwin. Talvez por isso a Biogeografia vá se tornar uma ciência da descrição e mapeamento das formas de vegetação na superfície terrestre, buscando na interação, de um lado com os climas e de outro lado com os solos a sua base de sustentação discursiva. Caem, assim, estas Geografias Físicas setoriais no parâmetro de representação clássica de que Ritter e Humboldt haviam pouco antes ultrapassado, consolidando-se como formas de taxonomia e descrição das paisagens, a Geomorfologia se ocupando da paisagem do relevo e a Climatologia e a Biogeografia, da paisagem das formações vegetais, a primeira pedindo de empréstimo à segunda o seu objeto”.

FONTE: (MOREIRA, 2008, p. 18).



TERMO DO GLOSSÁRIO: Geografia Física: é uma vertente voltada para a análise dos elementos naturais do espaço terrestre.

FONTE: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/geografia-fisica.htm>

Geomorfologia: é uma área das Ciências da Terra responsável pelo estudo das formas superficiais de relevo, tanto em suas fisionomias atuais quanto em seu processo geológico e histórico de formação e transformação. Esse campo do conhecimento é visto como uma área de intersecção entre duas diferentes

ciências: a Geografia e a Geologia. O conceito de Geomorfologia está diretamente vinculado à etimologia da palavra: Geo = “Terra”; morfo = “forma”; logia = estudo. FONTE: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/geomorfologia.htm>

Climatologia: nada mais é do que o estudo do clima, sendo uma integração das condições de tempo num determinado lugar e por um período de trinta anos. FONTE: <https://www.infoescola.com/ciencias/climatologia/>

Biogeografia: área da ciência biológica que estuda a distribuição dos seres vivos no espaço e através do tempo. Assim, estuda-se a distribuição da vida com base em sua dinâmica na escala espacial e temporal no planeta Terra. FONTE: <http://www.ib.usp.br/~silvionihei/biogeografia.htm>

Geologia: é uma ciência natural que estuda a Terra. Do grego, o termo geologia é formado pelos vocábulos “geo” terra e “logia” estudo ou ciência. FONTE: <http://www.todamateria.com.br/o-que-e-geologia/>

Meteorologia: estudo dos fenômenos atmosféricos e das suas leis, principalmente com a intenção de prever as variações do tempo. FONTE: <https://www.dicio.com.br/meteorologia/>

Biologia: é uma palavra derivada do grego: Bio = vida; e Logos = estudo. FONTE: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/>

Matemática: é ciência que estuda, por meio do raciocínio dedutivo, as propriedades dos seres abstratos (números, figuras geométricas etc.). FONTE: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=mtem%EItica>

Segundo Moreira (2008, p. 18), o elenco científico da Geografia Humana, na escola geográfica Clássica ou tradicional, vai centrar-se inicialmente na Geografia Agrária, na Geografia Urbana e na Geografia Econômica, e, mais tarde, na Geografia da População, Geografia da Indústria e Geografia do Consumo, sendo estas duas últimas integrantes da Geografia Econômica. Com base nestas características, o autor comenta sobre o elenco da Geografia Humana, apresentado no Quadro 3.

QUADRO 3 – Síntese do elenco da Geografia Humana

“A Geografia Humana surge na fronteira com a Sociologia e a Antropologia, duas formas de ciências que vão ter que encontrar nas regras e normas institucionais o padrão de modelagem que equivalham ao que a relação matemática é nas ciências naturais do inorgânico. Do mesmo modo como aconteceu com as geografias físicas setoriais, vai caber às geografias humanas setoriais a tarefa da descrição e

mapeamento das formas. Quando desejam explicá-las, fazem-no nos parâmetros da Sociologia, da Antropologia ou da Economia, como as geografias físicas setoriais fazem com a Física gravitacional de Newton. Cabe, assim, à **Geografia Agrária** a descrição do mapa das formas das relações agrárias, confundidas por longo tempo com o mundo rural pretérito, das paisagens agrícolas e dos regimes alimentares, como vimos nos livros de Vidal de La Blache e Sorre. À **Geografia Urbana** vão caber as formas da paisagem urbana, que aos poucos evoluem em seu enfoque para um mix de sociologia, Economia e Politologia com o estudo das relações Hierárquicas das cidades em sua relação de mercado, surgindo os ensaios de modelização matemática com o emprego do arsenal metodológico da economia. A **Geografia econômica** vai ter entre as geografias humanas setoriais uma situação similar à da Climatologia entre as geografias físicas setoriais. Seu objeto só é de natureza de captação sensível imediata nas relações da Geografia Agrária e da Geografia da Indústria, tendo de tomar do mapa dessas duas ou abstrato das relações da economia para lograr ser visto. O que é possível porque sua fronteira, o próprio nome diz, é com a Economia, uma das ciências humanas mais formalizáveis, junto com a Psicologia, no padrão da modelização matemática, daí tirando os elementos (as leis da economia) que oferecerá por empréstimo às demais geografias humanas setoriais”.

FONTE: (MOREIRA, 2008, p. 19).



SAIBA MAIS: a Geografia Humana tem como principal objetivo a realização de um estudo das relações do homem com o meio físico, levando em conta que ele é um agente transformador da superfície do planeta Terra. Essas transformações que acontecem em razão das necessidades sociais atingem a economia, fluxo de migração, meio-ambiente, indústria, tecnologia, turismo, agropecuária, conflitos no campo, atividades sociais, políticas e culturais, enfim todas as relações humanas desenvolvidas no território nacional.



TERMO DO GLOSSÁRIO: Sociologia: ciência dedicada a ajudar a entender a sociedade e as formas de interação dos seres humanos e com as estruturas institucionais.

Antropologia: ciência que se dedica ao estudo aprofundado do ser humano. É um termo de origem grega, formado por “anthropos” (homem, ser humano) e “logos” (conhecimento).

Geografia Agrária: ramo da ciência geográfica que estuda as diversas relações existentes (sociais, econômicas, ambientais) no desenvolvimento da agricultura. O surgimento desta atividade ocorreu há 11.000 e 8.000 anos atrás, a partir do momento em que os seres humanos passaram a cultivar a terra e domesticar animais úteis às suas necessidades, sendo que este fenômeno ocorreu em diversas áreas do planeta de forma independente.

Geografia Urbana: ramo da Geografia voltado para o estudo das funções e estruturas da cidade (paisagem urbana).

Geografia Econômica: é o estudo da diversidade de condições econômicas sobre a Terra. A economia de uma área geográfica pode ser influenciada pelo clima, pela geologia, Geografia Econômica e também pelos fatores político-sociais.

Segundo Moreira (2008), essa dualidade entre Geografia Física e Humana, com as influências das demais ciências, dão à Geografia Física um encaixe maior com os modelos da Matemática e Física, enquanto a Geografia Humana não obtém o mesmo êxito no modelo institucional da Sociologia e Antropologia.

Teve destaque também na Geografia Tradicional o alemão Ratzel, que era determinista, ao acreditar que a natureza influenciaria a sociedade, tornando o homem exposto ao que o meio lhe oferece e sem apresentar possibilidades de modificar essa realidade. Também se destacou o Francês Vidal de La Blache, que fixou as bases filosóficas da Geografia e defendia o possibilismo. Para este geógrafo, o homem era influenciado pelo meio, mas poderia modificá-lo.

Segundo Moraes (2010), o pensamento tradicionalista da Geografia perdurou até meados dos anos 1950, quando entrou em crise. Foi bastante questionado nos anos 1960 e praticamente extinto na década seguinte. Nessa época, instala-se a crise na Geografia Tradicional, que foi gerada, entre outras coisas, pela necessidade de renovação dos conceitos, considerados ultrapassados, não acompanhando a realidade da época do Pós-Segunda Guerra Mundial, além das transformações ocasionadas pela difusão do sistema capitalista.

1.1.2.2. A Geografia Quantitativa ou Teorética

Na Geografia Quantitativa, privilegia-se uma concepção do espaço multidimensional, e que, portanto, busca contribuições da geometria e das técnicas cartográficas, recorrendo ao emprego de modelos matemáticos. Esse contexto histórico exigia uma nova abordagem da ciência geográfica, surgindo então a Geografia Quantitativa ou Teorética. Cavalcanti (2010, p. 94) assim define essa também denominada Nova Geografia, Pragmática, Quantitativa ou Teorética. Todas essas denominações se referem a uma ciência geográfica que buscava renovação; porém, segundo Becker (2006), esta geografia não rompeu com a Geografia Clássica, pois se baseava no Neopositivismo ou Positivismo Lógico. Essa renovação pragmática na Geografia apoiou-se nos métodos matemáticos e em modelos quantitativos e de representação.

Para a Geografia Quantitativa, o que define os fenômenos são os modelos ou sistemas, e não os fatos em si, e sim pelos padrões que apresentam, como se fosse algo métrico, previsível, quantificável. Assim, Becker afirma que essa geografia apresenta muitas transformações em seu conteúdo e método, a concepção de espaço relativo tornou-se importante para explicar uma realidade que se tornava mais complexa. As localizações relativas

evidenciavam as relações entre lugares e que existem somente pelo fato de esses lugares existirem e se: a urbanização atingia graus até então desconhecidos, apresentando fenômenos novos e complexos, como as megalópoles. O quadro agrário também se modificara com a industrialização e a mecanização da atividade agrícola. O lugar já não se explicava por si mesmo, pois os centros de decisão das atividades ali desenvolvidas localizavam-se, geralmente a milhares de quilômetros (BECKER, 2006, p. 81).

Assim, a Geografia Quantitativa tinha como objeto de estudo a organização espacial, o mecanismo de explicação de qualquer espaço. Este estudo passou a ser desenvolvido com critérios de análise espacial com base nas metodologias científicas, nas quais as teorias passam a ter muita importância. Assim, segundo Becker (2006), parte-se de teorias, formulação de hipóteses, através do Método Dedutivo, merecendo destaque a observação e o trabalho empírico. Essa Geografia era baseada na quantificação dos fenômenos, e não na sua compreensão, não questionando e acabando por encobrir as desigualdades. Como pode ser observado na Figura 4, não há resposta para os problemas, o que passa a ser muito criticado por geógrafos marxistas; assim, nos anos sessenta, surge a Geografia Crítica.

FIGURA 4 – Charge ilustrativa sobre a quantificação em geografia



FONTE: NTE/UFSM.

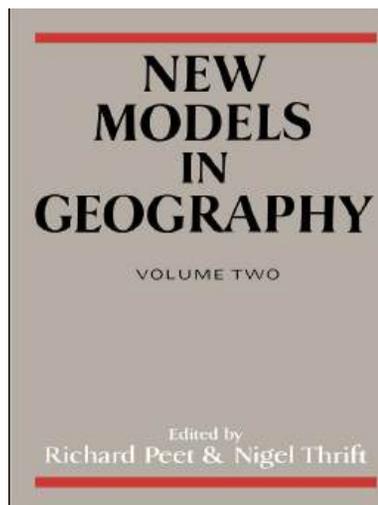
Entre os geógrafos, o entusiasmo que parecia ser importante no momento de sua fundação, dura pouco. É importante ressaltar que esta escola teve entre suas maiores qualidades a capacidade de buscar e divulgar dados dos mais diferentes tipos. No entanto, os números tinham peso, mas não explicavam os fenômenos – seus métodos, tanto na análise de sistemas como no uso de modelos, eram insuficientes para explicar fenômenos contemporâneos, como a desigualdade. E, assim, ganha força um movimento de geógrafos em busca de uma geografia mais crítica.

1.1.2.3. A Geografia Crítica

Também conhecida como Geografia Radical, esta corrente do movimento de renovação da geografia questionou os procedimentos metodológicos e conceituais da Geografia Clássica ou Tradicional, além de criticar duramente a Geografia Teorética ou Quantitativa, pela sua superficialidade na busca de explicações dos fenômenos e da realidade. Isso ocorria pelo protagonismo das técnicas quantitativas ante a busca para as causas dos complexos problemas do mundo contemporâneo.

Esta escola teve como berço os Estados Unidos, na década de 1970, e naquele país era conhecida por Geografia Radical. Naquele momento histórico, eclodiram vários conflitos de ordem política, entre eles, merece destaque a Guerra do Vietnã, a crise do capitalismo, os problemas ambientais decorrentes do processo de modernização e a desigualdade social. Segundo Brito et al. (2009), as suas primeiras formas de expressão foram identificadas nos famosos periódicos norte-americano *Antipode: A Radical Journal of Geography*, editado por Richard Peet e apresentado pela primeira vez na reunião da Associação dos Geógrafos Americanos em 1969 (Figura 5).

FIGURA 5 – Periódico *Antipode* (1969)



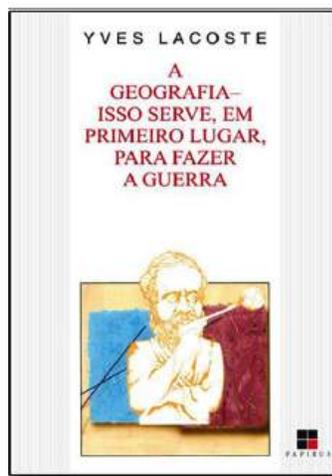
FONTE: Amazon Books. Disponível em: <https://www.kobo.com/us/en/ebook/new-models-in-geography>

Segundo Becker (2006), o autor que formulou de forma mais radical a crítica sobre a Geografia Tradicional foi o francês Yves Lacoste – para este, era imprescindível construir uma visão integrada do espaço, numa perspectiva popular.

Lacoste, assume um conteúdo político e social explícito para a Geografia, que aparece, de forma cabal, em suas afirmações: ‘é necessário saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater’; ‘a Geografia é uma prática social em relação à superfície terrestre’. Este conteúdo também é assumido por David Harvey, quando afirma ‘a questão do espaço não pode ser uma resposta filosófica para os problemas filosóficos, mas uma resposta calcada na prática social’. Aparece também a postura assumida pelo brasileiro Milton Santos quando diz: ‘o espaço é a morada do homem, mas pode ser sua prisão’ (BECKER, 2006, p. 87).

Segundo Brito et al (2009 p. 3), “Yves Lacoste, publica, mais tarde na revista francesa Hérodote – *Revue de géographie et de géopolitique*, cujo primeiro número foi editado em 1976; e na sua mais importante obra: *A geografia: Isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*”. Essa obra, publicada em 1976 e representada na Figura 6, ficou conhecida como uma espécie de livro-manifesto, em que o autor faz críticas à Geografia Tradicional ou Clássica, afirmando que ela sempre existiu a serviço da dominação e do poder. É importante ressaltar que Lacoste afirma que as forças que exercem supremacia no controle do poder têm uma forma de ação totalizada de compreender e de perceber determinadas situações do espaço, atuando sobre ele de forma articulada e eficaz.

FIGURA 6 – Obra de Yves Lacoste, publicada em 1976



FONTE: Editora Saraiva. Disponível em: <https://geografiamb2.wordpress.com/2009/03/16/livro-a-geografia-isso-serve-em-primeiro-lugar-para-fazer-a-guerra-yves-lacoste/>

Segundo Cavalcanti (2010), a Geografia Crítica surge com a pretensão de romper a neutralidade presente nos estudos da Geografia, e propõe a crítica perante a sociedade, a economia e a política. A Geografia Crítica pretende fazer reflexões para que ocorra a diminuição das desigualdades, além de dar visibilidade aos problemas sociais, contrapondo-se radicalmente à Geografia Tradicional e à Geografia Quantitativa, que sempre estiveram a favor do Estado e escondiam a realidade da sociedade através de estudos descomprometidos, genéricos e superficiais.

O geógrafo crítico passa a ter o compromisso social de expor as suas ideias e procurar se posicionar acerca dos temas abordados, com o objetivo de contribuir para a solução dos problemas, e, em decorrência disso, a sociedade passa a se beneficiar dos estudos produzidos por estes estudiosos, para entender os fenômenos que transformam o espaço.

Nesse sentido, o conceito de espaço passa a ser constituído como o resultado das relações entre o homem e o meio, ou seja, sociedade e natureza também passam a ser analisadas como produção das relações sociais. A Geografia Crítica, ao contrário das anteriores, valoriza e estimula os movimentos sociais, transformando-se, ou seja, se posiciona frente às injustiças e desigualdades. Os trabalhos de campo apresentam grande importância para esta escola geográfica para a análise da sociedade.

No Brasil, merece ser destacado o geógrafo Milton Santos (figura 7), que lecionou e orientou por muitos anos na Universidade de São Paulo (USP), construiu uma vasta obra ligada à Geografia Crítica, e foi responsável por desenvolver um pensamento crítico intelectual frente às expressivas desigualdades sociais.

FIGURA 7 – Milton Santos, a maior expressão da Geografia Crítica no Brasil



FONTE: NTE/UFMS

O geógrafo Milton Santos, na obra *Espaço e Método*, publicada em 1985, faz referência ao espaço como uma instância da sociedade, cujo estudo propõe categorias de análise espacial, que se apresentam sintetizadas no Quadro 4. Segundo Becker (2006, p. 96), para Milton Santos, “a essência do espaço é social e assim o espaço não pode ser apenas formado pelos fenômenos geográficos naturais e artificiais”.

QUADRO 4 – Síntese das categorias de análise espacial propostas por Milton Santos

FORMA: é o aspecto visível, exterior, de um objeto, ou seja, é o limite exterior da matéria e que lhe confere um feitio, uma configuração, um aspecto particular de ser, como, por exemplo, uma casa, um bairro, uma cidade e uma rede urbana. São formas espaciais em diferentes escalas.

FUNÇÃO: é a ação própria da forma. Assim, a noção de função implica uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pela matéria. A matéria tem um aspecto exterior, a forma, e desempenha uma atividade, a função. Por exemplo, a ação de habitar, de viver o cotidiano, a vida em suas variadas facetas (trabalho, compras, lazer), visitar parentes e consumir em outras cidades são algumas das funções associadas, respectivamente, à casa, ao bairro, à cidade, à rede urbana.

ESTRUTURA: é a disposição das partes de um todo, é o modo como os objetos estão organizados, refere-se a um padrão especial, mas a maneira como estão inter-relacionados entre si. Diferentemente da forma, a estrutura não constitui algo que tenha uma exterioridade imediata. Ela é invisível, estando subjacente à forma, uma espécie de matriz em que a forma é gerada. Estrutura é a natureza social e econômica de uma sociedade de um dado momento do tempo.

PROCESSO: é definido como uma ação que se realiza continuamente, visando um resultado qualquer, implicando tempo e mudança. Os processos acontecem dentro de uma dada estrutura social e econômica. Assim, o processo é uma estrutura em seu movimento de transformação.

FONTE: (BECKER, 2006, p. 96-97).

No seu livro *Por uma outra Globalização*, Milton Santos foi bastante direto sobre a chamada “globalização perversa”, analisando os impactos sofridos pelos mais pobres e propondo uma globalização mais humana, uma outra **globalização possível**. Milton Santos publicou obras voltadas para o estudo do espaço, entre elas estão: *Metamorfoses do Espaço Habitado*; *Técnica, espaço, tempo*; e *Pensando o espaço do homem*.



INTERATIVIDADE: Filme: Globalização Milton Santos – O mundo global visto do lado de cá. Disponível em: https://youtu.be/-UUB5DW_mnM

Entrevista com Milton Santos no programa Roda Viva. Disponível em: <https://youtu.be/G9WoAjHEGBc>

Documentário: Milton Santos, o maior geógrafo brasileiro. Disponível em: <https://youtu.be/Y51aSaBC614>

1.2

O PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

A Geografia brasileira é uma das mais importantes devido à sua grande atividade no que se refere à formação e qualificação de profissionais desta ciência, que ao longo do tempo vem ganhando status na América Latina e no mundo. Os geógrafos brasileiros, tanto os licenciados, que se dedicam ao ensino da geografia na educação básica, quanto os bacharéis, têm buscado cada vez mais qualificar sua formação. Tanto é assim que a Geografia brasileira conta com dezenas de cursos de Pós-Graduação em nível de mestrado e doutorado em todas as regiões brasileiras.

Produção científica qualificada também tem conquistado espaços importantes na área da ciência geográfica. Vários eventos científicos, como congressos, seminários e encontros específicos têm sido realizados, com número cada vez maior de participantes. E nesses eventos científicos são apresentados trabalhos acadêmicos de todos os níveis, que têm possibilitado uma visão sistemática da produção científica brasileira.

Os Congressos promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, que são bianuais, têm reunido um número crescente de participantes, assim como os congressos e encontros regionais, estaduais, nacionais e até internacionais nas áreas específicas, como Geografia Urbana, Geografia Agrária, Geografia Física, entre outros.

Assim, como forma de melhor compreender a formação da geografia brasileira, será realizada uma gênese tendo como parâmetro a formação do pensamento geográfico em relação às escolas geográficas estudadas na subunidade 1.2.1. As origens da Geografia brasileira são descritas da seguinte forma: a Geografia Clássica brasileira, Geografia Quantitativa ou Teorética brasileira, e a busca pela renovação da geografia brasileira, a Geografia Crítica.

1.2.1. A origem da Geografia brasileira

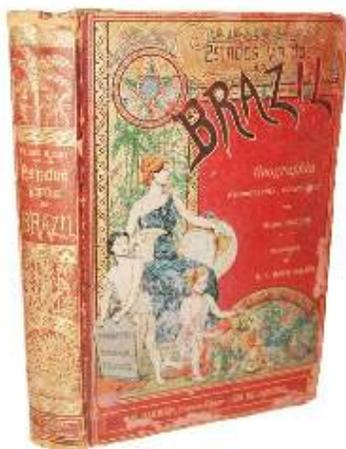
Segundo Andrade (1999, p. 22), os considerados precursores da geografia brasileira foram os que publicaram nas três primeiras décadas do século xx. Estes geógrafos se dedicaram em suas pesquisas e publicações com interesses em Geografia e meio ambiente e estudos das paisagens. Andrade comenta sobre esses geógrafos que:

Dentre os pesquisadores podemos citar figuras como Raimundo Lopes, que escreveu um ensaio notável sobre o Maranhão, publicado em 1970, e depois um livro quase didático de Geografia Humana, que ele chamava como Ratzel, de Antropogeografia, baseado na matéria que ministrou no Museu Nacional. Também foi notável a contribuição dada por Agamenon Magalhaes, ao escrever, em 1921, sua tese de candidato à Cátedra de Geografia geral, no

Ginásio Pernambucano, sobre o Nordeste brasileiro, publicado em 1970, onde analisou a região sob a luz dos maiores geógrafos da época, sobretudo os franceses. Nessa época já se tinha difundido no Brasil ideias de geógrafos franceses como Elisée Reclus e Vidal de la Blache. Cabe ressaltar que o Barão de Rio Branco, no final do Século XIX, colaborou com Elisée Reclus com um Tomo sobre a Geografia Geral Brasileira (ANDRADE, 1999, p. 22-23).

Entre os geógrafos citados por Andrade (1999), nos princípios da Geografia brasileira, merece destaque o Barão de Rio Branco, que participou de uma publicação de Elisée Reclus e deixou importante marca da geografia brasileira na Geografia francesa, como pode ser observado na Figura 8, que ilustra o livro de Elisée Reclus com participação do barão de Rio Branco.

FIGURA 8 – Obra de Elisée Reclus: Estados Unidos Do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatica



FONTE: Passei Direto. Disponível em: <https://raforum.info/reclus/spip.php?article463&lang=fr>

Segundo Andrade (1999), no Rio de Janeiro, merece destaque um geógrafo muito influenciado pelas ideias de Frederico Ratzel, chamado Everardo Bachkauser, que foi o responsável por oferecer à República Federativa Brasileira uma proposta de divisão territorial do país.

Os geógrafos da geografia moderna brasileira foram bastante atuantes nas décadas de 1910 e 1930. Entre eles, merece destaque Eduardo de Carvalho, fortemente influenciado pela geografia francesa, que se dedicou no Brasil aos estudos da Geografia Regional, em especial ao estudo da geografia do Brasil Meridional, publicado em 1910.

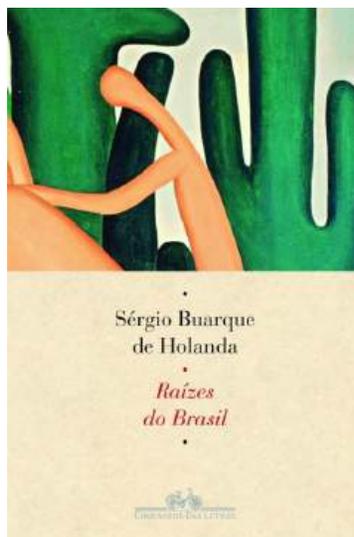
Segundo Andrade (1999), os militares, preocupados com as questões que envolviam disputas de espaços devido ao crescimento econômico argentino, desenvolveram vários estudos sobre a geografia brasileira. Nesse sentido, foram produzidos livros que tratavam de estudar áreas específicas e sujeitas a essas disputas territoriais, como é o caso de áreas próximas às zonas de fronteiras. Como exemplos, podem ser citadas a obra de Cassiano Ricardo, publicada em 1940, intitulada *A marcha para o Oeste*, e a obra de Mário Travassos, publicada em 1947, *A projeção continental do Brasil*.

Também afirma Andrade (1999) que, na década de 1930, com a possibilidade

do avanço do comunismo e o fascismo, apresentando um grave risco ao Brasil, os estudos da Geografia brasileira passaram a ser desenvolvidos na tentativa de conhecer melhor o país. Neste período, o autor destaca a importância do seguinte estudo: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, cuja ilustração do livro atualizado pode ser observada na Figura 9. Este livro foi originalmente publicado em 1936, abordando a formação do povo brasileiro. Também obteve destaque Gilberto Freire, que tinha formação na área da Antropologia. O autor procurou desenvolver assuntos que valorizavam as questões culturais no nordeste brasileiro, como a *História da Sociedade Patriarcal*, publicada em 1943, na qual descreve a formação do patriarcado e sua influência na sociedade brasileira.

Posteriormente, Caio Prado Junior desenvolveu seus estudos através da filosofia Marxista, publicando a importante obra intitulada: *Evolução Política do Brasil – Ensaio da Interpretação materialista da História brasileira*, publicada originalmente em 1933. Posteriormente, em 1943, o autor publicou *Formação do Brasil Contemporâneo*.

FIGURA 9 – O livro *Raízes do Brasil*, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda



FONTE: Livraria Saraiva. Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/raizes-do-brasil-8596219.html>

1.2.2 Escolas da Geografia brasileira

A ciência geográfica teve seu processo de sistematização lento e tardio, conforme a visão de alguns autores, vindo a constituir-se enquanto ciência mais especificamente no século XIX. Porém, desde a Antiguidade, os estudos geográficos já eram desenvolvidos, principalmente na Grécia Antiga. Grande parte do mundo ocidental conhecido era dominada pelos gregos, em especial o leste do Mediterrâneo. Sempre interessados em descobrir novos territórios de domínio e atuação comercial, era fundamental que conhecessem o ambiente físico e os fenômenos naturais. O céu claro do Mediterrâneo facilitava a vida dos navegantes gregos, atentos às características dos ventos, importantes para sua navegação em termos de velocidade e segurança. As experiências geográficas dos gregos estão citadas no quadro 5.

Sobre tais experiências, os gregos deixaram para as futuras gerações escritos que contavam a sua vivência geográfica. Estudos feitos acerca do rio Nilo, no Egito, detalhavam, entre outras coisas, seu período de cheia anual. No século IV a. C., os gregos observavam o planeta como um todo. Através de estudos filosóficos e observações astronômicas, Aristóteles foi o primeiro a receber crédito ao conceituar a Terra como uma esfera, em sua especulação sobre o formato da Terra. Strabão acabou escrevendo uma obra de 17 volumes, "Geographica", onde descrevia suas próprias experiências do mundo. Com o colapso do Império Romano, os grandes herdeiros da geografia grega foram os árabes. Muitos trabalhos foram traduzidos do grego para o árabe. Os geógrafos árabes foram grandes viajantes, que continuaram a produzir estudos importantes, ainda que descritivos.

FONTE: Blog SIG Cursos. Disponível em: <http://sigcursos.tripod.com/geografia.htm>

A Geografia brasileira, como já foi dito, foi fortemente influenciada pela Escola francesa. Neste sentido, vários geógrafos brasileiros desenvolveram seus estudos com base nas escolas europeias, tendo como destaque a influência da Geografia tradicional ou Clássica e, mais recentemente, da Geografia Quantitativa ou Teórica e da Geografia Crítica.

1.2.2.1. A Geografia Tradicional ou Clássica brasileira

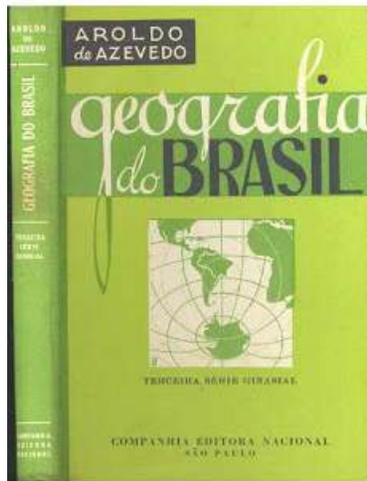
A Geografia Tradicional ou Clássica se apresenta no Brasil como uma tentativa de sistematizar conhecimentos e realizar mapeamentos, motivados pela situação política em que se encontrava o Brasil, a partir da Revolução de 1930, e que de certa forma oferecia riscos que poderiam ser minimizados a partir de conhecimento mais detalhado da Geografia brasileira. Segundo Andrade (1999), a década de 1940 foi muito profícua para a organização de estudos brasileiros:

Esta década foi marcada pelas fundações das Universidades de São Paulo e do Distrito Federal (Rio de Janeiro), depois chamada do Brasil, quando a geografia passou a ser ministrada em curso próprio, a nível superior. A estas Universidades, seguiu-se a fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que recrutou geógrafos e especialistas formados por essas universidades para e especialistas diplomados em outras áreas que vinham trabalhando com geografia, estatística e cartografia (ANDRADE, 1999, p. 24-25).

Este período relatado por Andrade (1999) foi de grande importância, pois os geógrafos brasileiros, influenciados por geógrafos franceses, tiveram grande influência na construção da renovação da geografia que era desenvolvida neste país. As maiores referências deste período são os seguintes autores: Delgado de Carvalho, Aroldo de Azevedo e Josué de Castro. Estes foram, sem dúvida, grandes expoentes deste

momento de renovação na Geografia Clássica. Na Figura 10, pode ser observada uma das obras do geógrafo Aroldo de Azevedo, que foi um dos mais importantes geógrafos brasileiros, dominando a geografia escolar até os anos 1970.

FIGURA 10 – Obra Geografia do Brasil, de autoria do Geógrafo Aroldo de Azevedo



FONTE: Blog E-Magazine. Disponível em: <http://emagazine.blogspot.com.br/2011/06/aroldo-de-azevedo.html>

A contribuição de Josué de Castro foi das mais importantes, pois em seu livro clássico intitulado *Geografia da Fome*, publicado originalmente em 1945, ele faz um retrato detalhado do Brasil, como vivia e se alimentava o povo brasileiro. Seus estudos tinham um caráter de caracterização das diferenças regionais e das desigualdades vividas pelos brasileiros em um país continental.

Durante as décadas de 1960 e 1970, sentiu-se na geografia brasileira a necessidade de sistematizar dados e estudos regionais. Com o intuito de estudar a divisão regional brasileira, foram desenvolvidos alguns estudos pelo IBGE, os quais tiveram a contribuição de geógrafos franceses, como é o caso de Pierre Deffontaines. Esse foi um período de grande acúmulo de conhecimento e de estudos realizados sobre o Brasil.

1.2.2.2. A renovação da Geografia brasileira

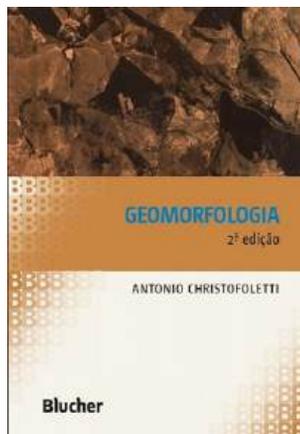
Segundo Andrade (1999), existiram duas correntes que se destacaram na tentativa de renovação da ciência geográfica no Brasil, uma delas é a Geografia Quantitativa ou Teorética e a outra e mais recente é a Geografia Crítica.

A Geografia Quantitativa ou Teorética surgiu no Brasil e ganhou força no ambiente da Universidade Estadual de São Paulo, campus de Rio Claro, e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), devido à forte tendência dos geógrafos brasileiros em renovar a geografia tradicional, incorporando a geografia quantitativa que vinha sendo desenvolvida nos Estados Unidos. Esta se caracterizava pela presença dos modelos matemáticos e da estatística para caracterizar a realidade dos anos 1970. É importante ressaltar que essa geografia foi incentivada durante a Ditadura Militar brasileira, instaurada a partir de 1964.

Os trabalhos nesse período foram fortemente divulgados pelo Governo Brasileiro,

o qual tinha interesse na difusão e divulgação dos dados pesquisados. Entre os geógrafos que se destacaram neste período, merecem destaque Antônio Cristofoletti, Alexandre Filizola Diniz, Antonio Ceron e Pedro Gaiger, entre outros. Cabe destacar a obra *Geomorfologia*, de Antônio Cristofoletti, conforme Figura 11.

FIGURA 11 – Livro Geomorfologia, de Antônio Cristofoletti



FONTE: Editora Blucher. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/geomorfologia-441>

Assim, com a possibilidade de uma abertura política e, então, desenvolver estudos e discutir temas que antes eram de certa forma censurados pelos governos da Ditadura, alguns geógrafos passam a se inserir na Escola da Geografia Crítica americana e a influenciar-se por Yves Lacoste, um geógrafo francês que passa a questionar a incapacidade da Geografia em buscar soluções para os problemas sociais.

Assim pode-se entender a contribuição de geógrafos brasileiros como Milton Santos, estudioso da Geografia Urbana que passa a aprofundar estudos sobre desenvolvimento, terceiro mundo e globalização, sendo suas obras as maiores referências nacionais na questão do método em estudos de Geografia. No livro *Por uma Geografia Nova*, o autor propõe a renovação da ciência a partir das reflexões marxistas e de análise crítica da realidade. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, por sua vez, que desenvolveu estudos por muito tempo ligados à Climatologia, passa a se aprofundar na área da filosofia e teoria geográfica. Neste sentido, Becker (2006) afirma que:

A Geografia Crítica obedece a objetivos e princípios comuns que convivem com propostas díspares e perspectivas diferenciadas, nas quais, a unidade da geografia crítica, manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente, buscando uma geografia mais generosa e um espaço mais justo (BECKER, 2006, p. 109).

A formação do pensamento geográfico se deu de forma a construir uma identidade para a ciência geográfica brasileira. A Geografia passou ao longo da sua formação histórica por diversas transformações e reformulações que iam desde seus conceitos fundamentais, até o método e as metodologias utilizadas para o desenvolvimento

da ciência. Ao longo da história, conceitos, abordagens e correntes de pensamento surgiram, sempre com a proposta de dar os moldes de ciência que a Geografia brasileira precisava. Cada corrente de pensamento trouxe contribuições para a definição dos pressupostos nos estudos geográficos e conhecê-las se torna um requisito indispensável para a compreensão da Geografia contemporânea.



ATENÇÃO: sugestão de leitura da obra de Rui Moreira, O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008. Vol. 1 e Vol. 2.

ATIVIDADES – Unidade 1

1. Qual é a importância da Geografia?
2. Quais são as escolas Geográficas e quais suas origens?
3. O que você entende por Determinismo Geográfico?
4. O que você entende por Possibilismo Geográfico?
5. Quais são os principais autores da Ciência Geográfica?



ATENÇÃO: assista ao vídeo a seguir e responda as questões:
https://www.youtube.com/watch?v=DsCq3cUSu2Q&ab_channel=ProfessorHerbertGaleno

2

AS CATEGORIAS DE
ANÁLISE DA GEOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Este capítulo tratará dos principais conceitos balizadores da ciência Geográfica. O Espaço Geográfico, o Lugar, o Território, a Paisagem, a Região e as Redes Técnicas. Cabe à geografia fazer uma análise da transformação da natureza decorrente do produto humano em relações historicamente determinadas. A análise aqui proposta, a partir da definição dos conceitos geográficos, é de suma importância para compreender como ocorre a interação entre o homem e a natureza, pensando o ser humano enquanto agente transformador do espaço geográfico.

A geografia é uma ciência que estuda a interação entre os humanos no espaço vivido. O espaço geográfico é transformado de forma permanente pelo trabalho do homem, dando origem a diferentes formas de paisagens. O conceito de Paisagem se refere às manifestações e aos fenômenos espaciais que podem ser vistos pelo ser humano através de seus sentidos. O Lugar é parte do espaço onde vivemos, interagindo com diversas paisagens e com lugares significativos para nós. Território é o espaço delimitado pelas relações de poder. Região é uma área ou espaço que foi dividido obedecendo a um critério específico que o homem elabora para compreender uma determinada área.

Entendemos que o papel da geografia na construção da análise espacial dos fenômenos depende cada vez mais do conhecimento acerca do significado das categorias espaciais, refletindo acerca das categorias de análise da geografia, compreendendo as noções de espaço, lugar, paisagem, território e redes técnicas, sendo de extrema importância para tornar as pessoas atuantes no espaço geográfico em questão.

2.1

O ESPAÇO GEOGRÁFICO

O espaço é o conceito mais amplo de todos e deve ser entendido junto com o tempo, pois são conceitos inseparáveis – podemos dizer que tudo o que existe se situa no tempo e no espaço, o tempo é quando algo ocorre e o espaço é o onde. O espaço geográfico é um espaço concreto, ou seja, é a superfície do nosso planeta. Composto por dois elementos principais, a sociedade humana e a natureza, o espaço geográfico é fruto de uma ação humana sobre a natureza, modificando-a, construindo novas infraestruturas.

Para Corrêa (1982), o espaço geográfico é a morada do homem e abrange a superfície da Terra. Segundo o geógrafo Milton Santos, o espaço geográfico é definido por dois componentes: de um lado, o conjunto de objetos naturais e de objetos resultantes da ação do homem, de outro, o conjunto das relações que definem a sociedade. O espaço geográfico é apropriado de diferentes formas por diferentes povos em diferentes momentos históricos. Além dos fatores naturais, a ocupação e utilização de um espaço dependem também da construção ideológica de sua sociedade e do momento histórico de determinada sociedade. A questão tecnológica é também outro fator para que possamos entender esse processo, pois determina ou possibilita diferentes formas de se apropriar, ocupar, manter e transformar esse espaço.

FIGURA 12 – O espaço geográfico em transformação



FORNTE: Wikipédia. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vista_parcial_dos_bairros_Ideal,_Cidade_Nobre_e_Igua%C3%A7u,_Ipatinga_MG.JPG

FIGURA 13 – O espaço geográfico é uma construção social



FONTE: NTE/UFMS

O espaço geográfico sofre constantemente as ações humanas com o passar do tempo. Todo local por onde os homens passam se tornam detentores de um passado histórico, passando por transformações sociais, técnicas e econômicas pelas populações que o habitaram.

As paisagens mudam com a evolução do meio técnico-científico e informacional. Com a ciência e a tecnologia, o homem passa a criar novas ferramentas, que acabam por modificar os locais onde vivemos. Mesmo com tantas mudanças, ainda encontramos muitos elementos naturais que são essenciais para nossa vida.

As transformações nunca param e os lugares estão em constante mudança. Mas existem algumas paisagens geográficas que não mudam, pois possuem elementos culturais de outras épocas e acabam sendo preservadas pelo homem.

2.2

O TERRITÓRIO

O **território** é uma parcela do espaço geográfico apropriado, com limites e fronteiras. Não existe território sem fronteira, o território é uma parcela do espaço geográfico apropriado por um sujeito, ou seja, nele sempre terá um limite ou fronteira e um sujeito atuante em suas relações de poder.



SAIBA MAIS: veja o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=kWeDhaNelyk&ab_channel=UmLugarParaAGeo

QUADRO 6 – Conceito de território

Friedrich Ratzel (1844-1904) foi um dos pioneiros na elaboração e sistematização do **conceito de território**. Em sua análise, esse está diretamente vinculado ao poder e domínio exercido pelo Estado nacional, de forma que o território conforma uma identidade tal que o povo que nele vive não se imagina sem a sua expressão territorial. Outro importante autor que discutiu esse conceito foi o geógrafo suíço Claude Raffestin (1936-1971), que ressaltava o fato de o espaço ser anterior ao território. Com isso, ele queria dizer que o território é o espaço apropriado por uma relação de poder. Essa relação encontra-se, assim, expressa em todos os níveis das relações sociais.

Atualmente, o **território** é concebido, nas mais diversas análises e abordagens, como um espaço delimitado pelo uso de fronteiras – não necessariamente visíveis – e que se consolida a partir de uma expressão e imposição de poder. No entanto, diferentemente das concepções anteriores, o território pode se manifestar em múltiplas escalas, não possuindo necessariamente um caráter político.

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza, por exemplo, cita que o processo de formação territorial nem sempre ocorre por meio de expressões concretas sobre o espaço. Ele evidencia a existência de múltiplas territorialidades, como as do narcotráfico, as do comércio ambulante, entre outras. Assim, os territórios podem possuir um caráter cíclico (que varia com o tempo), móvel (que se desloca nos mais diferentes espaços) e que se organiza a partir de redes que se interligam pelo fluxo de informações ou contatos. Um exemplo de território em rede seria o dos traficantes, que se organizam em células que nem sempre se encontram próximas umas das outras, mas que se articulam em redes de transporte de armas, drogas e comunicação.

FONTE: Mundo Educação. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/conceito-territorio.htm>



INTERATIVIDADE: assista o vídeo “Conceito de Geografia: Território” no link: https://www.youtube.com/watch?v=jjM9x9V3ZsA&ab_channel=EmanueldaRocha



SAIBA MAIS: acesse o seguinte endereço: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/conceito-territorio.htm>

2.3

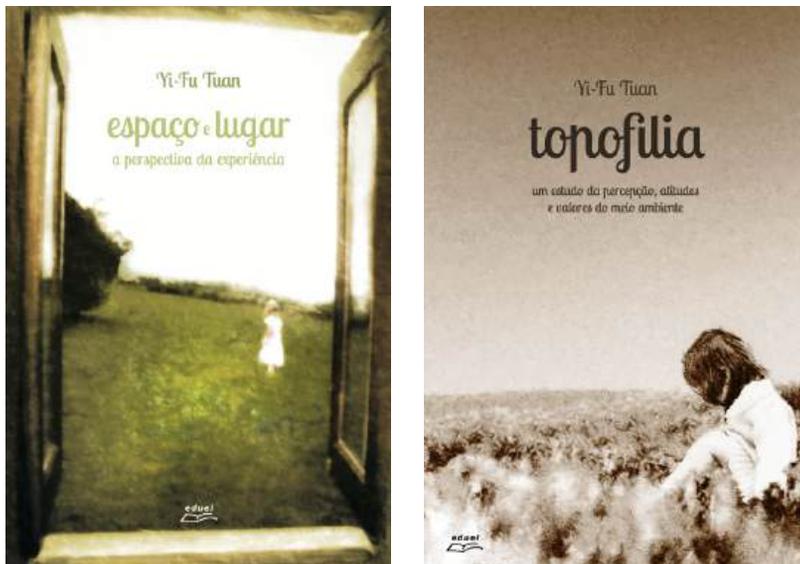
O LUGAR

O conceito de Lugar na geografia se refere a um espaço menor, onde nós vivemos, onde nós estudamos, onde nós trabalhamos, onde conhecemos as pessoas. É um espaço com o qual nós nos identificamos, ou seja, é o nosso lugar, pressupondo certa vivência e identidade. Faz parte, portanto, de uma escala geográfica, de uma escala menor e ao mesmo tempo tem os elementos de identidade, de identificação com este lugar.

A interpretação inicial do lugar, na Geografia, como localização pode estar diretamente ligada à própria etimologia e significado da palavra, pois lugar advém do latim *locális*, de *locus* que designa “espaço ocupado, localidade, posição”. A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho e o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno (CARLOS, 2007, p. 20).

Ao ressaltar a carga histórica das experiências vividas, Yi-Fu Tuan aborta o termo Topofilia, no seu Livro *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, onde a cultura do lugar é construída para definir as atitudes do homem com o ambiente trazendo a discussão de cultura como definidora de padrões, de formas de enxergar e sentir o ambiente, com definições de verdades que são bastante arbitrárias, advindas de convenções e práticas culturais.

FIGURA 14 – O Lugar na Geografia



FONTE: GHUM – Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. Disponível em: <https://geografiahumanista.wordpress.com/2013/02/02/topofilia-reeditado/>

2.4

A REGIÃO

O conceito de região significa a parte de um todo, pois não existe uma região isolada – a região é sempre parte de um todo maior, é a divisão do espaço em áreas menores. Podemos então, regionalizar nosso município, nosso bairro, detectando áreas, dividindo uma área ou espaço em partes menores e essas partes menores evidentemente deverão ter traços em comum, uma região nunca existe sozinha, sendo então a parte de um todo maior.

O autor Paulo César da Costa Gomes (2006) afirma que a denominação **região** remonta os tempos do Império Romano, quando a palavra “*regione*” era utilizada para designar áreas, independentes ou não, que estavam subordinadas ao Império. Gomes constata que “alguns filósofos interpretam a emergência deste conceito como uma necessidade de um momento histórico em que, pela primeira vez, surge de forma ampla, a relação entre a centralização do poder em um local e a extensão dele sobre uma área de grande diversidade social, cultural e espacial”. La Blache propõe, assim, o conceito de “região geográfica” para denominar essas parcelas da superfície terrestre que apresentam certa homogeneidade de características, derivadas da combinação entre elementos do meio natural e da ação humana.



INTERATIVIDADE: assista o vídeo “Conceitos da Geografia: região” no link: https://www.youtube.com/watch?v=muUU8i4SdOs&ab_channel=EmanueldaRocha

2.5

A PAISAGEM

Paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Ou, ainda, a paisagem se dá como conjunto de objetos concretos (SANTOS, 1997 apud SUERTEGARAY, 1999, p. 5).

Inicialmente o embate acerca da conceituação da Paisagem deu-se na dicotomia estabelecida pelos geógrafos que diferenciavam entre paisagem natural e paisagem cultural. A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de geologia, geomorfologia, vegetação, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbano e rural. Esses conceitos se atrelam a abordagens filosóficas e a uma questão de método de análise. Pode-se dizer que a diferenciação acima foi originalmente ligada ao Positivismo, numa escala mais estática, onde se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais e na geografia francesa sob a influência de Paul Vidal de La Blache que imprimiu uma forma mais dinâmica, entendendo-a com um caráter mais processual. Os estudos de paisagem inicialmente foram focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, sendo que progressivamente foram sendo incorporadas as ações do homem no transcurso do tempo, com a individualização das paisagens culturais frente às naturais (SILVEIRA, 2009, p. 3).



INTERATIVIDADE: assista o vídeo “Aula paisagem, espaço e lugar” no link: https://www.youtube.com/watch?v=JMZsTpLoCkM&ab_channel=DanniloAndrade

O **conceito de paisagem** refere-se ao que vemos em nosso horizonte, uma imagem, uma fotografia, ou quando subimos em um mirante observando uma cidade ou uma área qualquer. A paisagem pode ser natural, quando observamos uma floresta ou uma área relativamente intacta, sem muita ação humana. No entanto, a paisagem geralmente se encontra na forma humanizada, que reflete uma ação humana antrópica sobre a natureza, por exemplo, os campos de cultivo, cidades, edificações. Paisagem natural é identificada pelos elementos da natureza e a paisagem humanizada reflete as ações do homem sobre o espaço.



INTERATIVIDADE: assista o vídeo “Conceitos da Geografia: Paisagem Geográfica” no link: https://www.youtube.com/watch?v=UJ2OpTZarLQ&ab_channel=EmanueldaRocha

FIGURA 15 – Paisagem natural e humanizada



FONTE: NTE/UFSC

2.6

AS REDES TÉCNICAS

Nesse item, discutiremos as redes técnicas e a relação das mesmas com o fenômeno da globalização, acentuado após a década de 1990, além da relação do modo de produção capitalista com a difusão das várias formas de redes, a exemplo das redes de transportes, as telecomunicações, a rede bancária, entre outras.

Segundo Musso (2004), a noção de rede não é recente, remete à Antiguidade Clássica, quando estava ligada ao labirinto. O labirinto representa uma **reticulação** espacial, com linhas e pontos de conexão que permitem passagem. Pensando enquanto noção, ou seja, uma representação que permite pensar uma realidade concreta, o labirinto é um exercício de reflexão sobre a reticulação espacial. Nesse mesmo sentido, como noção, pode-se pensar na tecelagem da Idade Média. (COSTA; UEDA, 2007, p. 133).



TERMO DO GLOSSÁRIO: reticulação – estado de uma superfície reticulada, em rede.

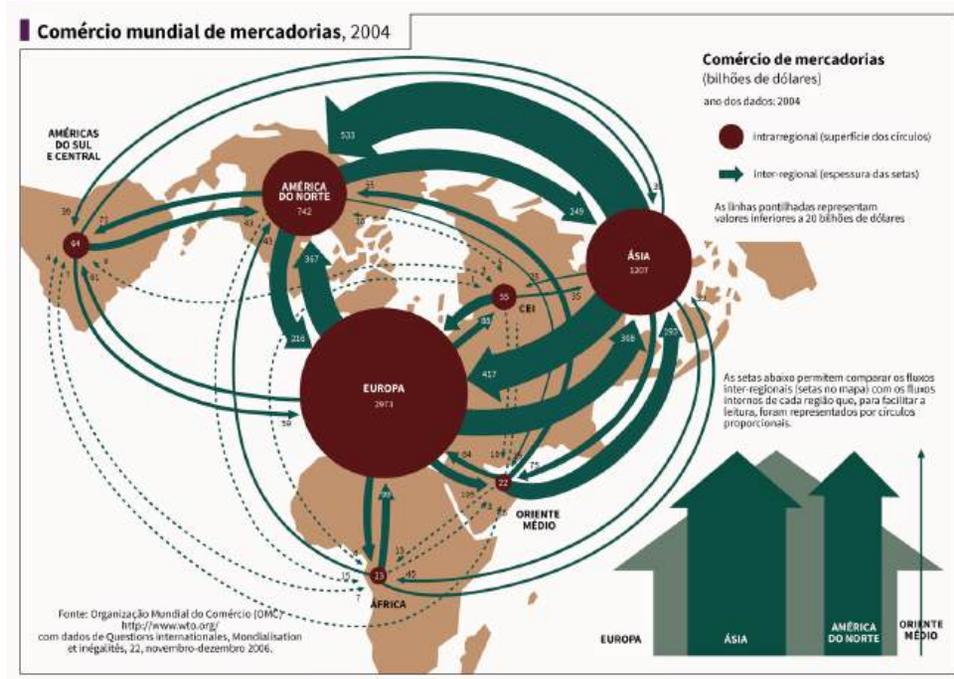
Com a **globalização**, as redes técnicas passaram a ganhar grande importância no modo de **produção capitalista** (difusão das várias formas de redes: transportes, telefonia, energia, bancária etc). O mesmo não se pode dizer quanto à rede como objeto de estudo pelas ciências sociais e humanas, ou seja, como preocupação teórica e como entendimento das suas repercussões territoriais. O mundo está informatizado e esta informatização, que aproxima os lugares, é a de redes que se entrelaçam. O local, o regional e o nacional são também elementos destas redes que penetram em todos os lugares, estabelecendo, inclusive, outras relações, que, do ponto de vista global, podem não interessar aos setores dominantes ou hegemônicos. Não lhes interessa produzir valores ou distribuí-los, mas dominar o sistema em que estes valores são produzidos. A estratégia é para que as outras dimensões ou escalas sejam colocadas a serviço das redes hegemônicas, mas o outro lado, o não hegemônico, também tem os seus interesses, desenvolve redes paralelas, utilizando-se da materialidade disponibilizada pelas redes hegemônicas a seu favor.



INTERATIVIDADE: assista o vídeo “História da Globalização” no link : https://www.youtube.com/watch?v=20Gm5DFQtck&ab_channel=JanainaBucco.

Assista o vídeo “História das Coisas - Globalização + Capitalismo e seus efeitos” no link : https://www.youtube.com/watch?v=AC2ccikdxww&ab_channel=LucasToledo.

FIGURA 16 – As redes técnicas e o comércio mundial de mercadorias



FONTE: (DURAND et al., 2008, p. 105).

ATIVIDADES – Unidade 2

1. Quais são os conceitos básicos da ciência geográfica?
2. Descreva cada conceito: Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar.
3. O que são territorialidades?
4. O que são fronteiras?

3

A UTILIZAÇÃO DOS
RECURSOS COMO FATOR
DE DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO

INTRODUÇÃO

Nos primórdios de sua história, o homem utilizava apenas a energia de seus músculos para garantir a sobrevivência e a produção das condições de sua existência. Com o surgimento e o avanço da agricultura, passou a utilizar outras fontes de energia, como força animal (cavalo e boi), o fogo (queima de madeiras), o vento (moinhos) e a água (rodas d'água), o que será apresentado e discutido na subunidade 3.1

Toda a produção está relacionada com a possibilidade e a disponibilidade de recursos necessários ao desenvolvimento econômico em cada período histórico. O espaço mundo vem passando por constantes transformações com o uso de novas técnicas, com a ciência e informação em escala global.

Pensar a utilização dos recursos como fator de desenvolvimento é o objetivo desta unidade, haja vista que o homem, ao transformar o espaço por ele habitado, utiliza-se de recursos naturais, da força de trabalho e da transformação em bens e serviços para o desenvolvimento de novos produtos a serem consumidos pela sociedade. Assim, a cada momento histórico, a força de trabalho se moderniza em todo o planeta, a partir da globalização da economia no mundo, temática discutida nas subunidades 3.2 e 3.2.1.

O campo e a cidade se integram, a partir da industrialização das matérias primas, constituindo novas relações de produção por meio da modernização da agricultura, com o uso de máquinas e equipamentos modernos no processo produtivo do campo, sendo tema de discussão da subunidade 3.3.

Novas demandas e novos produtos são constantemente criados pela humanidade para atender as necessidades crescentes da sociedade contemporânea no interior do modo de produção capitalista e da globalização da economia no mundo, a partir da integração dos diferentes espaços de circulação de mercadorias e serviços, a fim de atender em um menor tempo as necessidades exigidas pela sociedade, sendo esta temática discutida na subunidade 3.4

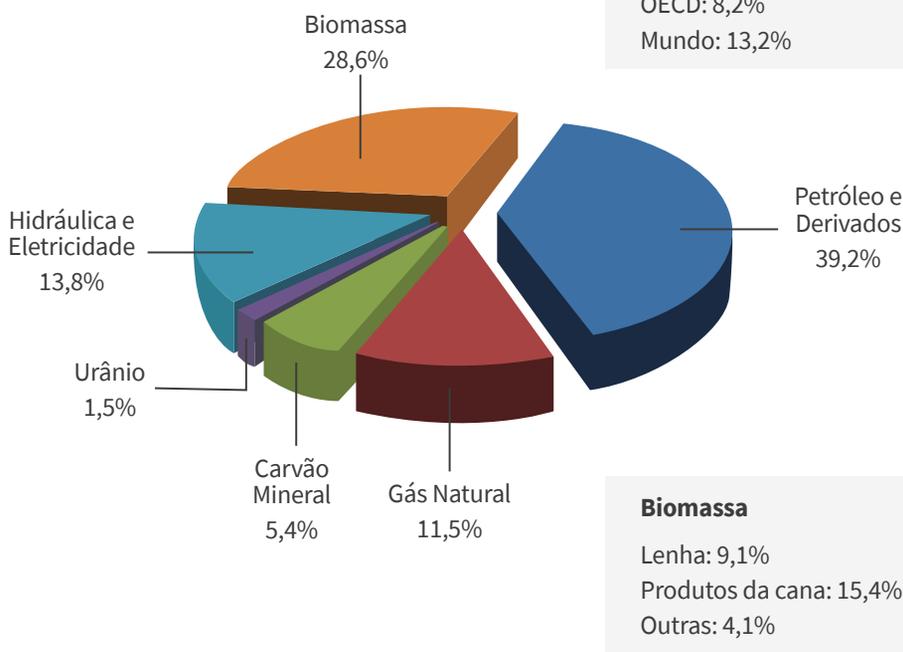
3.1

A DISPONIBILIDADE DE MATÉRIAS-PRIMAS E A PRODUÇÃO DE ENERGIA

No início da civilização, o homem possuía apenas a energia dos seus músculos para garantir a sobrevivência. A partir do surgimento da agricultura, novas formas de produzir aliadas a novas fontes de energia passaram a fazer parte do processo de produção de alimentos, a exemplo da força animal, do fogo, do vento e da água.

GRÁFICO 1 – Principais fontes de energia utilizadas no mundo

283,6 milhões tep (2,1% da energia mundial)



FONTE: Fundação Dom Cabral – Núcleo de Sustentabilidade. Disponível em: https://hotsites.fdc.org.br/hotsites/mail/livro_objetivos_desenvolvimento_sustentavel/objetivo/assegurar-energia-sustentavel.html

As fontes de energia são essenciais para o desenvolvimento de um modo de produção, pois são responsáveis pela manutenção e desenvolvimento da produção de bens e mercadorias para a sociedade de modo geral. Novas fontes de energia foram criadas nas últimas décadas, possibilitando energias mais limpas e baratas, a exemplo da **produção energética a partir da biomassa**.



SAIBA MAIS: para mais informações, acesse o site sobre biomassa e energia em: <https://www.biomassabioenergia.com.br/documentario.../20131015-084438-j420>

Na organização do espaço-mundo dentro do sistema capitalista de produção, a busca de matérias-primas para a produção de energia é constante, levando em consideração pelo menos dois fatores principais: I) o crescimento do consumo em nível mundial; II) a necessidade da produção de novos produtos, visando ampliar o consumo em nível mundial. Desta forma:

A presença do homem na face da Terra muda o sistema do mundo. Torna-se, o homem, centro da Terra, do Universo, imprimindo-lhe uma nova realidade com sua simples presença. O homem é um dado da valorização dos elementos naturais, físicos, porque é capaz de ação. Usa suas forças intelectuais e físicas contra um conjunto de e objetos naturais que seleciona como indispensável para se manter enquanto grupo (SANTOS, 2008, p. 86).

O homem em sua relação com a natureza impõe novos ritmos de produção, visando atender suas necessidades grupais de sobrevivência, criando novas necessidades e consequentemente novos produtos, objetivando produzir suas próprias condições de existência, dentro do modo de produção capitalista.

QUADRO 7 – Capitalismo

O entendimento da definição do capitalismo – sistema socioeconômico em que os meios de produção são propriedade privada duma classe social em contraposição a outra classe de trabalhadores não proprietários [...].

Quando se fala de “capitalismo”, pensa-se em capital e sobretudo em capitalista, sujeito rico, poderoso, em geral dono ou dirigente de empresa industrial, comercial ou banco. Mas “capitalismo” sugere também enorme variedade de produtos que são estridentemente propagandeados pelos meios de comunicação de massa. Os símbolos atuais deste aspecto do capitalismo talvez sejam o automóvel e principalmente a televisão, que é meio de consumo e veículo de publicidade ao mesmo tempo.

FONTE: (SINGER, 1987, p. 7).

Com o avanço do capitalismo, novas formas de produzir energia são inventadas, utilizando-se também diferentes **matérias-primas**, visando à produção de energia mais barata e limpa a serviço da sociedade.



TERMO DO GLOSSÁRIO: matéria-prima constitui a substância principal de um produto ou só entra em sua formação como matéria auxiliar. Ex: o frango pela agroindústria, o carvão pela máquina a vapor, óleo pela roda etc.

Na 1ª Revolução Industrial, ocorrida a partir do século XVIII, na Inglaterra, o homem passou a utilizar fontes de energia modernas, sobretudo, com maior rendimento, tais como o carvão mineral, o petróleo, o gás natural, a energia nuclear

e a hidroeletricidade que, juntas, respondem por 95% aproximadamente de toda energia utilizada no mundo.

Com o advento da industrialização, há a necessidade de ampliação tanto das matérias-primas quanto de energia necessárias para o avanço da produção, visando garantir a continuidade do processo produtivo na lógica do sistema capitalista de produção.

FIGURA 17 – Agroindústria Aurora, na cidade de Xaxim – SC.



FONTE: Autor.

O desenvolvimento de fontes de energia está intimamente ligado ao desenvolvimento tecnológico e cultural de uma nação, sobretudo a partir do nível de evolução de uma sociedade e as fontes de energias por ela empregadas.

Com a reestruturação do capital industrial ocorrido de forma mais acentuada no espaço-mundo, a partir das décadas de 1970 e 1980, novas mudanças acompanham esta evolução, com a necessidade de matérias-primas mais baratas e abundantes. Essa reestruturação do capital buscou novas formas de garantir e ampliar a acumulação de capitais, buscando manter a concentração das riquezas. Assim, “as preocupações para garantir o processo de reestruturação extrapolam o interior das empresas. Atenção especial é também dedicada ao processo de obtenção da matéria-prima” (ALBA, 2002, p. 107).

A reestruturação do sistema capitalista de produção extrapola o interior da indústria, buscando as mais variadas matérias-primas, o desenvolvimento tecnológico, o melhoramento genético e a qualificação da mão de obra, a exemplo das agroindústrias de aves e suínos.

FIGURA 18 – Criação de aves para a agroindústria



FONTE: Autor.

A criação de aves pelos camponeses familiares por meio do sistema de integração exemplifica a busca por matéria-prima (frango) para a agroindústria, que exige desde a construção de aviários por parte dos camponeses familiares integrados, assim como cuidados especiais, temperatura controlada, ração balanceada, medicamentos e material genético especial, possibilitando maior peso e obtenção de carne em menor tempo.

No Brasil, o sistema de integração do frango de corte consiste em incorporar à atividade principal de uma agroindústria todas aquelas que se ligam a ela no processo produtivo como um todo. Assim, a integração se desenvolve entre atividades que são complementares no processo produtivo. Nesta lógica, a agroindústria (integradora) fornece ao camponês integrado os pintos, a ração, a assistência técnica e se responsabiliza pelo abate e comercialização do frango abatido. O camponês integrado entra no negócio com as instalações (aviário), os equipamentos, o aquecimento, a água, a cama de aviário e a mão de obra.

Nesta lógica, o campo não está separado da cidade, mas unido a partir de relações dialéticas, sendo que a agricultura não é mais um espaço responsável exclusivamente pelo fornecimento e produção de alimentos para a sobrevivência dos seres humanos, mas o que se observa é que ela (agricultura) é cada vez mais transformada em um ramo de fornecimento de matérias-primas para a indústria e dominada pelo capital, visando garantir as necessidades cada vez crescentes do sistema capitalista de produção (MARX, 1996).

Nesta lógica do atual momento da reestruturação do capitalismo em escala global:

A completa reestruturação das empresas, a manutenção do seu ritmo de crescimento, numa visão de aumentar os lucros sem com isso onerar o consumidor, incluindo a possibilidade de trabalhar com maior valor agregado nos produtos, só se faz possível se essas mudanças extrapolam também o interior da empresa. O cuidado na obtenção de matéria-prima, com qualidade, em menor espaço de tempo e com maior rendimento, dá-se com um intenso processo de modificação de toda a cadeia produtiva. Isto quer dizer que todo o processo de produção da matéria-prima, ao longo deste tempo, tem passado por intensas transformações (ALBA, 2002, p. 112-113).

Novos ritmos de produção, aliados a novas mudanças na obtenção de matérias-primas para a indústria de modo geral, têm proporcionado um imenso acúmulo de dividendos ou lucro para os capitalistas. A cada nova mudança originada no interior da produção, novos arranjos produtivos se desenvolvem, com um único objetivo, agregar maior valor à mercadoria com menor custo, tanto na obtenção da matéria-prima, como no processo produtivo, intensificando a produtividade, otimizando o tempo necessário à elaboração do produto; porém, com a maior exploração e precarização do trabalho.

Tomando como exemplo a agroindústria de alimentos, pode-se constatar que,

A fábrica, moderna e flexível, oferece produtos versáteis para qualquer ocasião e opção alimentícia, além de atender às tendências do mercado na exigência de novos produtos. Atende a dois objetivos da empresa ao mesmo tempo: agregar maior valor aos produtos, inovando-os constantemente; e diminuir custos com a produção, substituindo a mão de obra pelos maquinários, com capacidade de produzir mais e melhor em menos tempo (ALBA, 2013, p. 117).

Esta reorganização da produção no interior da indústria moderna representa o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo em escala planetária, com vistas a atender as demandas e exigências do mercado consumidor em escala nacional e internacional, com o advento da globalização da economia-mundo.

3.2

A FORÇA DE TRABALHO

Na história da humanidade, o trabalho sempre esteve presente, caracterizado de diferentes formas durante a evolução do homem e da relação com a natureza, a fim de garantir as condições de sua existência, pois “[...] o trabalho é uma atividade que altera o estado natural desses materiais para melhorar sua utilidade” (BRAVERMAN, 1981, p. 49). A relação do homem com a natureza a partir do trabalho representa uma condição *sui generis* de sobrevivência, haja vista que é pela força de trabalho dispendida que a natureza é transformada para atender as necessidades vitais da sociedade de modo geral. A diferença entre o trabalho do homem e o trabalho dos animais é que para o homem a atividade laboral é proposital e consciente, ao passo que para os animais é instintiva, ou seja,

[...] o que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (BRAVERMAN, 1981, p. 49-50).

Portanto, a transformação da natureza pelo homem, a partir da força de trabalho, expressa o resultado consciente de produzir bens e mercadorias para atender suas necessidades e garantir a sobrevivência humana.

Nos primórdios da existência humana, o homem sobrevivia a partir do trabalho da caça e da pesca, sendo necessário criar pequenas ferramentas para realizar estas atividades consideradas vitais. Após, foi necessário domesticar animais e iniciar o desenvolvimento de uma agricultura rudimentar, com a produção de alimentos para a subsistência.

Assim, o trabalho é definido como atividade humana em que os indivíduos têm como objetivo, por meio da força de trabalho, produzir a manutenção das condições de existência e subsistência, a partir da transformação da natureza em bens necessários à sobrevivência, sendo que “[...] a espécie humana partilha com as demais a atividade de atuar sobre a natureza de modo a transformá-la para melhor satisfazer suas necessidades” (BRAVERMAN, 1981 p. 49). Embora essa não seja a única definição de trabalho, e esse não se resume apenas na obtenção do sustento do trabalhador, uma vez que o trabalho doméstico que realizamos diariamente, sem que ganhemos nenhuma remuneração, é ainda uma forma de trabalho. Assim,

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media,

regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. O estado [situação] em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado [situação] em que o trabalho humano não se desfez ainda de sua forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem (ANTUNES, 2004, p. 29-30).

Para Marx, a capacidade humana de executar trabalho constitui a “força de trabalho”, que, com o auxílio de máquinas, ferramentas ou animais domesticados, enfrenta a natureza. Nesta lógica,

[...] para os humanos em sociedade, a força de trabalho é uma categoria especial, distinta e não intercambiável com qualquer outra, simplesmente porque é humana. Só quem for o senhor do trabalho de outros confundirá força de trabalho com qualquer outro meio de executar uma tarefa, porque para ele, vapor, cavalo, água ou músculo humano que movem seu moinho são vistos como equivalentes, como “fatores de produção” (BRAVERMAN, 1981 p. 54).

No sistema capitalista de produção de mercadorias, a força de trabalho humana é transformada igualmente em mercadoria, pois é comprada pelo empresário por um determinado período do dia, geralmente 8 horas, em troca de salário. Há uma relação de compra e venda da força de trabalho por um determinado preço na forma de salário a ser pago pelo capitalista no final da jornada ou do mês, o que possibilita a reprodução das condições de existência do homem. Assim, o trabalho no interior do capitalismo é transformado em valor de troca. É importante salientar que a história mostra que a associação entre trabalho e salário é recente, tendo se configurado no cenário mundial a partir da revolução industrial, na Inglaterra.

FIGURA 19 – Trabalhadores em uma linha de produção industrial



FONTE: NTE/UFSM

Karl Marx (1998), considerado um dos maiores teóricos que trabalhou com as questões relacionadas às relações do trabalho, do capital e do trabalhador, destaca que existe uma diferença histórica nas relações de produção capitalistas, caracterizada pela impessoalidade do trabalhador com o que produz e nas relações pré-capitalistas, onde o produto do trabalho estava intimamente associado ao trabalhador e a ele pertencia. Essa diferença constitui as relações de trabalho dentro da sociedade capitalista, sendo que o trabalhador não dispõe dos meios de produção (fábricas, indústrias, terras, etc.) para produzir o que necessita para sobreviver, dispondo apenas de uma mercadoria que possui para vender ao capitalista, ou seja, sua força de trabalho.

O trabalho como força e transformação da natureza se diferencia de acordo com cada momento histórico, a partir das necessidades de produção e reprodução da sociedade. O trabalho assalariado da sociedade pós-revolução industrial se diferencia do trabalho em sociedades pré-capitalistas na relação do trabalhador com o seu trabalho. Enquanto o servo de um senhor feudal trabalhava a terra de forma a produzir diretamente o sustento, dividindo parte da produção ao senhor como forma de tributo, o trabalhador assalariado trabalha em troca de salário, a fim de garantir a sobrevivência. Tem-se, portanto, a transformação da força de trabalho em mercadoria que passa a ter valor agregado, o que possibilita a exploração ou a alienação do trabalhador e de sua força de trabalho pelo capitalista, proprietário do meio de produção (indústria, fábrica, banco, terra, etc.). Para uma melhor compreensão do processo de exploração do capital sobre o trabalho, tornado nesta relação alienado, sugere-se o filme *Tempos Modernos*, que possibilita compreender as reais condições de trabalho dos trabalhadores no período da I Revolução Industrial na Inglaterra.

 INTERATIVIDADE: assistir o filme *Tempos Modernos*, com Charles Chaplin, a partir do site: <https://dariosilva.wordpress.com/2011/03/15/os-tempos-modernos-de-chaplin-trabalho-e-alienacao-na-revolucao-industrial/>

Hoje, porém, com o advento da maquinaria moderna no interior da fábrica, das linhas de montagens automatizadas e informatizadas, o processo de trabalho torna-se mais intenso e degradante para os trabalhadores, pois há um processo crescente de produção e produtividade que não encontra limites sob os ditames do capital. Há um processo de maior acumulação capitalista sem precedentes, transformando o trabalhador em parte da engrenagem da máquina produtiva da fábrica. Como exemplo, pode-se citar os frigoríficos brasileiros, que ganham mercado em todo o mundo; porém, na esteira desse sucesso de lucros crescentes, estão histórias pouco conhecidas de trabalhadores e trabalhadoras afastados(as) por jornadas intensas, penosas e repetitivas, o que pode ser constatado a partir do documentário *Carne e Osso*.

 INTERATIVIDADE: assistir o documentário *Carne e Osso*, a partir do site: https://www.youtube.com/watch?v=_X8ALDZH_Dk

3.2.1 A modernização do trabalho no mundo globalizado

Foi a partir da revolução industrial ocorrida na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, que o **trabalho** assalariado e, portanto, explorado/alienado passa a se estabelecer na relação direta com o sistema capitalista de produção. O trabalho assalariado recebe a conotação por Marx de trabalho coisificado, ou seja, transforma-se em coisa, em objeto, em mercadoria a ser livremente comercializada com o capital. Com os processos de cercamento, houve a compra das terras férteis pelos que possuíam maior poder econômico e forçaram a saída dos camponeses, que passaram a se aglomerar nas áreas urbanas. Sem a terra, considerada meio de produção para produzir alimentos para o sustento, aos camponeses, agora considerados sem-terra, restava apenas a venda da força de trabalho ao detentor da terra. Este pagaria para o trabalhador uma pequena quantia monetária ao que era produzido, considerando apenas o essencial e necessário para manter o trabalhador vivo. Estava estabelecido o trabalho assalariado/alienado, sendo o único meio de subsistência do novo trabalhador urbano.

 INTERATIVIDADE: sugere-se para maior compreensão do significado do trabalho no sistema capitalista de produção a leitura do livro *Os Sentidos do Trabalho: Ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*, do sociólogo Ricardo Antunes (2009).

No atual estágio do desenvolvimento capitalista, caracterizado pela **globalização** das economias mundo, ou “[...] o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2000 p. 23), têm-se uma complexa organização do processo produtivo. Tanto a indústria quanto os serviços em escala planetária vêm se reestruturando para ampliar a produtividade e a intensidade do trabalho, com vistas em alcançar cifras cada vez mais crescentes de acumulação e conseqüentemente de lucros. A cada novo momento histórico no interior do sistema capitalista de produção, surgem novas e intensas relações dialéticas entre o capital e o trabalho, com o intuito de ampliar a mais valia (montante de trabalho não pago ao trabalhador) nas mãos do capitalista. Nesta lógica, as categorias capital e força de trabalho, são formas específicas do sistema capitalista:

A natureza não produz, de um lado, possuidores de dinheiro ou de mercadorias, e, de outro, meros possuidores das próprias forças de trabalho. Esta relação não tem sua origem na natureza, nem é mesmo uma relação social que fosse comum a todos os períodos históricos. Ela é evidentemente o resultado de um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas, do desaparecimento de toda uma série de antigas formações sociais (MARX, 1978, p. 189).



TERMO DO GLOSSÁRIO: globalização é “[...] a categoria conceitual que buscaria expressar e explicar as dimensões histórico-temporais, os espaços geográficos e as relações de produção através das quais se manifestam a lógica e as contradições que caracterizam o movimento das relações sociais capitalistas no atual estágio da história da humanidade” (LIMA FILHO, 2004, p. 18).

Com o advento da globalização da economia mundo e da conseqüente urbanização da sociedade, surgem novas e modernas formas de emprego e, conseqüentemente, outras desaparecem, fruto de uma rápida e constante transformação do trabalho, com a elaboração de novas mercadorias e serviços para atender às novas necessidades dos consumidores em nível global. No caso específico do Brasil, houve um acentuado crescimento das atividades da construção civil, especialmente após o ano de 2003, fruto da abertura de novas linhas de financiamento e da grande demanda para aquisição da casa própria, fruto da necessidade em atender ao crescente déficit habitacional em todo território nacional.

FIGURA 20 – Trabalhadores da construção civil



FONTE: Autor.

Isso tem proporcionado de forma rápida a geração de novos postos de trabalho, além do desenvolvimento de novas técnicas para a construção civil, de forma especial no uso de máquinas e equipamentos modernos, auxiliando na rápida construção dos imóveis.

Nota-se, no entanto, que as relações de trabalho em nossa modernidade se transformaram intensamente, de forma que muitas delas não existiam na realidade social observada por Marx. Pelo menos não em escala suficientemente notável para a época. As prestações de serviços que não envolvem nenhuma forma de compra ou de venda de bens materiais são uma das novas e modernas formas de relação de trabalho. O prestador de serviço não necessariamente está ligado ou depende de meios de produção, como no caso de uma faxineira, que vende suas ações de limpar um imóvel para a conveniência daquele que compra seu serviço. Na atualidade, as prestações de serviço são hoje a grande maioria de formas de trabalho e de movimento de capitais, enquanto que o trabalho assalariado de produção industrial, que necessita de uma quantidade significativa de trabalhadores em linhas de produção, está em constante e rápido declínio. Urge salientar que este declínio se relaciona aos avanços tecnológicos, à automação e à informatização das linhas de produção, que diminuem a necessidade de força de trabalho humana, diminuindo o custo de produção de bens materiais e aumentando consideravelmente os lucros.

No atual estágio do capitalismo globalizado, há um processo crescente de qualificação dos trabalhadores para atender as exigências do capital e manter-se na condição de trabalhador assalariado. Porém, na contramão deste processo há também os trabalhadores considerados desqualificados, ou seja, com baixa escolarização

formal e técnica para o desenvolvimento de atividades consideradas de maior complexidade. Assim, de um lado tem-se o pequeno grupo seletivo de trabalhadores altamente qualificados para atender as atividades mais complexas e de controle; de outro, uma imensa massa de trabalhadores desqualificados que desempenham tarefas parciais e simples do processo produtivo, cuja função é a geração de maiores lucros para o capital. Nesta lógica, constata-se que no sistema capitalista tem-se:

TABELA 1 – Trabalhador (des)qualificado no capitalismo globalizado

Trabalhador desqualificado	Atividade simples/execução	Salário baixo
Trabalhador qualificado	Atividade complexa/controle	Salário elevado

Fonte: Autor

Esta divisão técnica do trabalho e da produção, sendo teoria e prática, planejamento e execução para atender o capital, cria trabalhador (des)qualificado ou de baixa escolaridade para a execução de tarefas mais simples e fragmentadas, como forma de alienar/estranhar o trabalhador do conhecimento amplo e elaborado do seu trabalho e de outro lado um grupo de trabalhadores considerados qualificados, com escolarização superior para o controle e domínio do processo de elaboração das atividades do trabalho, a serviço do capital, a exemplo de gerentes e supervisores das grandes corporações industriais. Nesta lógica,

[...] no interior do processo produtivo, o trabalhador recebe a ‘qualificação’ que é conveniente aos interesses do capital, não devendo receber nem a mais, nem a menos, desenvolvendo-se um processo de distribuição desigual do saber, ao qual articula-se a escola (KUENZER, 1988, p. 28).

Esta divisão técnica do trabalho e da produção é organizada no interior do processo de produção de mercadorias do sistema capitalista, a partir do advento da criação da maquinaria moderna no interior da fábrica e dos sistemas de automatização da produção de mercadorias e serviços. Pode-se constatar que a subordinação técnica do trabalhador ao ritmo uniforme das máquinas foge ao controle e ao limite do organismo do ser humano, pois na produção capitalista “[...] o instrumental de trabalho emprega o trabalhador e não o trabalhador emprega o instrumental de trabalho, trabalho morto que domina a força de trabalho viva, a suga e exaure” (MARX, 1996, p. 487). Nesta lógica, a máquina está a serviço do capital a fim de proporcionar maior intensificação do trabalho na produção de mercadorias.

3.3

AGRICULTURA E INDUSTRIALIZAÇÃO

A prática da agricultura no mundo é antiga e constituiu historicamente o cultivo e a produção de alimentos para o sustento da família, também conhecida como agricultura de subsistência. É caracterizada pelo uso de ferramentas manuais e trabalho familiar, além da utilização da força animal para o desenvolvimento de atividades de manutenção e plantio na propriedade. Os cultivos se restringiam a produzir em pequenas quantidades de alimentos para o sustento da família e garantir a manutenção das atividades camponesas familiares.

A produção em pequena escala e com o uso da força de trabalho familiar, assim como a utilização de máquinas e equipamentos em sua maioria semimanuais, caracteriza as pequenas propriedades familiares.

FIGURA 21 – Pequena propriedade familiar no interior da cidade de Xaxim – SC.



FONTE: Autor.

Com o decorrer do tempo foram sendo inseridas novas formas de produzir na agricultura, com a introdução de máquinas e equipamentos mecanizados no interior das propriedades, além do uso de sementes selecionadas, adubos químicos e agrotóxicos.

Certamente a agricultura que, no passado, representava a produção de alimentos para garantir a sobrevivência da população exclusivamente, hoje representa, além da produção de alimentos, também um ramo da indústria, com a produção de matérias-primas para atender o grande capital industrial e agroindustrial. A

agricultura industrializada caracteriza-se pela produção mecanizada do trabalho agrícola e a dependência de fatores de produção externos, alheios à exploração da agricultura, como adubos químicos, fertilizantes, pesticidas e sementes selecionadas ou modificadas geneticamente. Esta modernização da agricultura, ocorrida de forma mais intensa a partir de 1970, corresponde à industrialização da agricultura e relaciona-se à perspectiva de que o setor agrícola não difere de forma significativa da indústria, mas constitui um ramo dela, sendo necessário racionalizar o uso de recursos necessários à produção, objetivando alcançar a maior eficiência e produtividade nos processos.

A produção de mercadorias foi, sobretudo, a característica da primeira fase do capitalismo. Assenhoreando-se do comércio internacional, o capital foi dominando, simultaneamente, o mundo todo. E essa dominação não se deu sempre pela expansão, nessas áreas novas, da produção de mercadorias através de relações especificamente capitalistas. Assim, a etapa da produção imediata e a da distribuição não eram especificamente capitalistas, porém a circulação e o consumo sim. Com o desenvolvimento industrial e o conseqüente crescimento das cidades, a agricultura foi se transformando, adaptando-se. Esse processo adquiriu características distintas em cada país em particular, mas no geral havia um traço comum.

De modo geral, a agricultura desenvolveu-se em duas direções: de um lado, a agricultura especificamente capitalista, baseada no trabalho assalariado e nos arrendamentos; de outro, a agricultura baseada na articulação com as formas de produção não-capitalistas (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

No entanto, o impulso da industrialização na agricultura foi após a Segunda Guerra Mundial, com a “Revolução Verde”, a partir da introdução de políticas que visavam o aumento em escala da produção agrícola, com o objetivo de alcançar a segurança alimentar e ampliar a produção de alimentos, além de garantir a produção de matérias-primas para as indústrias em expansão. Têm-se, assim, uma agricultura voltada para atender o modo capitalista de produção, na sua etapa conhecida como monopolista.

Essa etapa, por sua vez, apresenta traços típicos como a presença de grandes complexos industriais a integrar a produção agropecuária. Esse processo contínuo de industrialização do campo traz na esteira transformações nas relações de produção na agricultura, e, conseqüentemente, redefine toda a estrutura socioeconômica e política no campo (OLIVEIRA, 2007, p. 8).

Há um novo processo de produzir no campo com o advento da industrialização e das novas e modernas relações de produção, a exemplo da integração ou parceria dos camponeses familiares com a agroindústria, o assalariamento no campo, o uso de máquinas e equipamentos modernos, etc. – visando produzir de forma mais intensa e rápida, numa relação de produção específica do modo capitalista de produção. Assim, o campo torna-se um segmento da indústria, proporcionando

a garantia da quantidade e qualidade dos produtos ou matérias-primas:

A agricultura não é mais um espaço responsável exclusivamente pelo fornecimento de produtos para a sobrevivência da humanidade. O que se observa é que ela “[...] é cada vez mais transformada em simples ramo da indústria e é dominada completamente pelo capital” (MARX, 1996, p. 18). [...] A agricultura, nos primeiros anos da colonização, tinha como objetivo atender às necessidades imediatas do próprio agricultor e do comércio local. Essa agricultura passou, posteriormente, a atender aos interesses das agroindústrias. A produção agrícola é controlada por elas, selecionando produtos e produtores, de acordo com as suas necessidades (ALBA, 2013, p. 123).

Verifica-se que a agricultura moderna está intimamente relacionada com a indústria, ou transformada em um ramo desta, sendo, portanto, dominada pelo capital. Nos primeiros anos da colonização, o principal objetivo da agricultura era atender as necessidades de subsistência do camponês e sua família e também do pequeno comércio local. Porém, essa agricultura, com a modernização e introdução dos pacotes tecnológicos (adubos químicos, sementes selecionadas, máquinas e equipamentos, novas raças animais), passou a atender os interesses do capital – especialmente as agroindústrias, que passaram a controlar a produção, selecionando os produtos e os produtores, a partir das necessidades do capital agroindustrial.

FIGURA 22 – Propriedade familiar integrada à agroindústria



FONTE: Autor.

A integração do agricultor familiar com a agroindústria representa uma fonte de renda, sendo que para a agroindústria é uma alternativa perfeita de garantir a matéria-prima necessária para a industrialização. No caso específico de aves, fornece os pintinhos, a assistência técnica e os medicamentos, ficando para o integrado a construção da estrutura ou aviário, a mão de obra e os cuidados diários de manutenção das atividades. Cabe ressaltar que:

Essa forma de apropriação da renda da terra pelo capital, na qual se subordina a produção à circulação, tem ocorrido em setores que, embora rentáveis, não o são suficientes para justificar a sua implantação no campo, ou seja, o capital monopolista não se territorializa (como acontece com as agroindústrias [...]) (MIZUSAKI, 2009, p. 285).

Assim, o campo e a produção agrícola não estão separados da cidade, mas unidas dialeticamente por relações de poder no interior destes subespaços, carregados de técnica e ciência, por meio do conhecimento e da informação. Nesta relação, a cidade aparece como consumidora e o campo como espaço de produção de alimentos e matérias-primas para a indústria. A separação entre o campo e a cidade pode ser compreendida como separação entre a propriedade da terra e do capital, levando em consideração que o desenvolvimento e o avanço do capital independe da propriedade da terra, porém esta (a terra) é transformada em um simples ramo e dominada a partir de relações capitalistas de produção.

Com a industrialização da agricultura, o campo fornece a matéria-prima para a indústria, a fim de agregar valor ao produto para a comercialização, a exemplo das agroindústrias de aves. Essa relação entre a indústria e a agricultura é desigual, pois a vantagem de industrializar e comercializar o produto final é da indústria, que retém o lucro e domina o processo produtivo, submetendo a pequena propriedade familiar e conseqüentemente o camponês familiar às exigências do mercado. Há, portanto, uma relação desigual e de domínio da agroindústria em relação ao pequeno produtor, a partir de duas constantes. Primeiro, pela agroindústria dominar todo o processo produtivo, desde a produção da matéria-prima até a industrialização e comercialização do produto final. Segundo, é a agroindústria que determina o preço a ser pago pela produção da matéria-prima ao camponês familiar, o que atende exclusivamente os interesses de acumulação da riqueza por parte do capital agroindustrial. Assim, observa-se a:

[...] mudança na estrutura das propriedades agrícolas. De propriedade familiar diversificada, voltada ao comércio em maneira geral (que deu sustentação, num primeiro momento, à agroindústria), há a passagem para a propriedade familiar diversificada, voltada ao comércio agroindustrial, atendendo às especificidades da agroindústria. Verifica-se uma intensa modernização das propriedades agrícolas, atendendo às exigências do setor agroindustrial e, concomitantemente, um processo de exclusão de agricultores, que não possuem condições, sobretudo

econômicas, de adequar sua propriedade às novas necessidades mercadológicas (ALBA, 2008 p. 99).

FIGURA 23 – Industrialização de aves



FONTE: Autor.

A relação entre a agricultura e a indústria se dá a partir da produção de matérias-primas e alimentos para a industrialização e a comercialização em escala nacional e internacional. O Brasil está entre os maiores produtores e exportadores de carnes de aves e suínos do mundo, fruto de um complexo sistema de organização e integração entre a agroindústria, que domina o processo de produção, e a agricultura, onde o camponês familiar produz a matéria-prima e comercializa com a agroindústria, no sistema de integração a fim de atender às exigências do mercado e do capital agroindustrial.

3.4

O ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO

O espaço, categoria indispensável de compreensão teórico-científica na geografia, refere-se conceitualmente às relações estabelecidas entre os diferentes agentes sociais na produção e reprodução das condições de existência do homem no atual estágio do sistema de produção capitalista. O espaço compreendido dialeticamente envolve diferentes e diversas maneiras de produção do capital, “[...] desde sua forma mais simples até as mais complexas, com uso e aplicação da ciência e da tecnologia” (ALBA, 2013, p. 13).

As mudanças espaciais que ocorreram e vêm ocorrendo em escala planetária são compreendidas como parte integrante da engrenagem da reprodução do capital, pois, é o:

[...] resultado da relação sociedade-natureza, é também produto do trabalho dos seres humanos e das relações sociais. Sendo o espaço geográfico fruto dessas relações, ele traz consigo as características da sociedade de um determinado período histórico. O espaço capitalista, nesta perspectiva, aparece como fruto das relações entre os homens. Relações contraditórias formadoras de uma sociedade contraditória, baseada na luta de classes na qual o processo de produção do espaço é igualmente contraditório (ALBA, 2013 p. 14).

Têm-se assim um espaço voltado para atender as necessidades e reprodução do capital, a partir da circulação das mercadorias e serviços nas diferentes escalas, através da interconexão das redes de transportes e de comunicações. Desse modo, o espaço, além de instância social que tende a reproduzir-se, tem uma estrutura que corresponde à organização realizada pelo homem. Constitui também uma instância subordinada à lei da totalidade, dispendo de certa autonomia, a partir de leis próprias. Nesta relação “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoados por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos, ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 2008, p. 98).

Assim, a organização do espaço é resultante de diferentes variáveis, sendo que o espaço social corresponde ao lugar resultante da vida e do trabalho, a exemplo da moradia. Já o espaço geográfico representa e é organizado pela vida em sociedade, onde cada sociedade, historicamente, produz a partir de relações sociais seu espaço como lugar de sua própria reprodução. Nesta lógica,

Para que possa haver o desenvolvimento da acumulação capitalista, o modo de produção capitalista necessita constantemente aumentar a sua produtividade. Logo, o capital necessita de um espaço adequado e sintonizado capaz de lhe oferecer as condições gerais de produção (ALBA, 2013, p. 14-15).

Condições estas capazes de garantir a maior produtividade de mercadorias e serviços para atender as necessidades crescentes do capital. Assim,

[...] o espaço não tem valor de troca, mas somente valor de uso, uma utilidade. O espaço é portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, dado como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. Local de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Condições estas capazes de produzir novos e modernos produtos para atender e responder às necessidades do capital nas diferentes escalas e ao aumento do consumo, em grande parte proporcionado pela crescente urbanização verificada a partir do século xx. Toda produção material (objetos, mercadorias) ou imaterial (informações, conhecimentos) está condicionada no espaço com os diferentes fluxos de circulação, conectados por redes capazes de proporcionar maior rapidez e agilidade na distribuição destes recursos em escala global. A cada instante novos produtos são criados/inventados para suprir necessidades criadas/inventadas pelo capital; são inovações que marcam o nosso tempo.

Pelo simples fato de viver, somos, todos os dias, convocados pelas novíssimas inovações a nos tornarmos, de novo, ignorantes; mas também a aprender tudo de novo. Trata-se de uma escolha cruel e definitiva. Nunca, como nos tempos de agora, houve necessidade de mais e mais saber competente, graças à ignorância a que nos induzem os objetos que nos cercam e as ações de que não podemos escapar (SANTOS, 2008, p. 87).

As novas necessidades da sociedade nada mais são que as necessidades do capital, pois a manutenção do sistema impõe o aumento do consumo, a rapidez da circulação das mercadorias e serviços e a produção de novos produtos, pois o que está em jogo, e acima de tudo, é a manutenção do capitalismo e da ordem estabelecida. Assim, a circulação é uma instância do espaço, uma ação civilizadora criada pelo homem, que deixa marcas ao longo do tempo histórico na forma de diferentes rugosidades. Logo, pode-se conceituar a circulação como uma função espacial responsável por concretizar as diferentes espacialidades, dada as demandas de

cada período histórico sendo, portanto, um dado temporal. Assim, o controle do espaço é possível pelo controle do tempo, ou seja, pela rapidez dos fluxos em rede, a partir da circulação de mercadorias, serviços e informações, caracterizando a redução dos tempos de deslocamento no espaço geográfico.

Durante toda a história da humanidade, há um processo constante de redução dos tempos de deslocamento no espaço, a partir do uso de novos meios de transporte e comunicação na sociedade de modo geral. A ação de produzir a redução dos tempos de deslocamento no espaço geográfico ocorreu em praticamente toda a História (primeiro somente por meio de técnicas e depois também pelo estabelecimento de normas), mesmo em períodos considerados lentos, como é o caso da Idade Média.

A circulação de toda ordem representa o movimento que o capital impõe no e sobre o espaço, pois dadas as circunstâncias de maior agilidade e mobilidade, os fluxos são cada vez mais intensos e necessários para garantir a acumulação crescente que o sistema capitalista deseja; porém, trata-se da circulação em consonância com a comunicação sobre o espaço. Assim, “a circulação e a comunicação são duas faces da mobilidade. Por serem complementares, estão presentes em todas as estratégias que os atores desencadeiam para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distâncias” (RAFFESTIN, 1993, p. 200).

A mobilidade integra estratégias do capital no espaço e elabora uma função essencial na ordem da circulação – comunicação, o que imprime a função de poder. Assim, a circulação de capitais, serviços e mercadorias é a imagem de poder que é estabelecido pelo capital, em consonância com a comunicação. Toda mobilidade e os fluxos de comunicação e circulação são dados pelas **redes**, que formam um conjunto integrado e indissociável de instrumentos necessários ao modo de produção capitalista. Nesta lógica,

A rede aparece, desde então, como fios seguros de uma rede flexível que pode se moldar conforme as situações concretas e, por isso mesmo, se deformar para melhor reter. [...] A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornado território: tanto libera como aprisiona. É o porquê de ela ser o instrumento por excelência do poder (RAFFESTIN, 1993, p. 204).



TERMO DO GLOSSÁRIO: Redes: estruturas que asseguram a circulação e a difusão das informações de forma rápida e instantânea, objetivando a transmissão e a divulgação das ordens e resultados. Ex: internet.

Como exemplo, pode-se citar a rede de transportes rodoviários que integra uma região ou um país, onde ocorre a circulação de mercadorias a partir do fluxo contínuo, cuja mobilidade somente é possível pela interconexão entre os diferentes espaços.

FIGURA 24 – Rodovia BR 282, que corta o Estado de Santa Catarina.



FONTE: Autor.

As diversas redes de circulação e comunicação estão a serviço dos fluxos de mercadorias e serviços que estão à disposição do modo de produção capitalista. No capitalismo, as redes de circulação e comunicação modelam o quadro espaço-temporal que é todo território. Assim, as “[...] redes são inseparáveis dos modos de produção dos quais asseguram a mobilidade” (RAFFESTIN, 1993 p. 204).; e o fluxo de capitais, pessoas e mercadorias no interior de um modo de produção num determinado tempo histórico, sendo na atualidade o sistema capitalista. No capitalismo, as redes de circulação e comunicação constituem a exibição e a imagem do poder no território, interligando diferentes espaços a partir dos agentes da produção em escala global, a exemplo das empresas multinacionais e do sistema financeiro.

É preciso compreender que as redes constituem características dinâmicas e estão ligadas às atividades que as pessoas realizam no interior do processo produtivo para facilitar a comunicação e conseqüentemente a circulação das mercadorias e serviços, a partir do consumo. Para o capital, a circulação de forma rápida e segura das mercadorias no espaço representa igualmente a obtenção em tempo cada vez menor da acumulação de riquezas. Assim, o espaço de circulação das mercadorias no modo de produção capitalista ganha destaque, pois representa a fluidez da produção de mercadorias a partir da circulação e do consumo.

ATIVIDADES – Unidade 3

1. Destaque a importância das fontes de energia e das matérias-primas no modo de produção capitalista.
2. Por que a agricultura não pode ser mais considerada apenas um espaço de produção de alimentos para a humanidade?
3. Disserte sobre a importância do trabalho e a relação com a natureza no modo de produção capitalista.
4. Qual a relação entre a agricultura moderna e a indústria no período contemporâneo?
5. Redija um pequeno texto destacando a importância dos meios de circulação e comunicação no espaço.
6. Conceitue trabalho precarizado no sistema de produção capitalista.

4

A GLOBALIZAÇÃO DA
ECONOMIA: HISTÓRIA
E PERSPECTIVAS

INTRODUÇÃO

Como a globalização interfere na nossa vida? O que mudou no mundo com o advento da revolução técnico-científica-informacional? Como o mundo passou por grandes transformações através do uso das técnicas, a sociedade também se transformou, seja pelas formas de se relacionar, de deslocamento ou até mesmo pelo que consumiam e passaram a consumir.

A Globalização está associada ao conjunto de transformações socioeconômicas que vêm atravessando a sociedade na contemporaneidade. Tais transformações constituem um conjunto de novas realidades e problemas que implicam em entender que esse processo é descontínuo, seletivo e excludente.

O item 4 “Evolução histórica do mundo globalizado” procura suscitar a reflexão e o debate através da iniciação fundamentada nas principais questões que permeiam a evolução histórica da Globalização. Sem respostas milagrosas, nem receitas acabadas, procuraremos construir e desconstruir análises sobre o processo de globalização.

Serão abordados, inicialmente, aspectos históricos sobre o processo de globalização para, em seguida, apresentar análises sobre o processo de globalização na atualidade. A fragmentação do processo produtivo merece destaque, bem como as transformações por ela provocadas que estão destacadas em cada uma das subunidades.

O principal objetivo é compreender a Globalização como um processo dinâmico, complexo e de múltiplos aspectos. O geógrafo brasileiro Milton Santos é a referência básica para falar de globalização, o mesmo teorizou e criticou os aspectos do mundo contemporâneo frente ao processo de globalização.

4.1

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO GLOBALIZADO

“A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2000, p. 23)

FIGURA 25 – O olhar de Milton Santos do mundo globalizado



FONTE: NTE/UFSM

A **globalização** é um processo de integração econômica, política, social e cultural, que foi impulsionada pela redução dos custos dos meios de comunicação e de transporte no final do século xx. Muito embora muitos estudiosos destacam que a globalização foi originada nos tempos modernos, outros discordam e buscam na história das grandes navegações a explicação para esse fenômeno. Para aprofundar, vamos construir o conhecimento partindo do princípio que a globalização ocorreu com as grandes **navegações**.



TERMO DO GLOSSÁRIO: processo que ocasiona uma integração ou ligação estreita, entre economias e mercados, em diferentes países, resultando na quebra das fronteiras entre eles.



SAIBA MAIS: sobre a divisão dos séculos, consulte o site: <https://www.todamateria.com.br/divisao-dos-seculos/>

O que é globalização? Existe mesmo uma sociedade **globalizada**?



INTERATIVIDADE: assista o vídeo “Globalização - O que é? Como ocorre? Vantagens e Desvantagens” sobre globalização no site <https://www.youtube.com/watch?v=MVf6g8UobMA>

Harvey (1993) e vários outros autores da área de ciências humanas – como Milton Santos, Renato Ortiz, Otávio Ianni entre outros – apontam o processo de globalização como um fenômeno histórico **fragmentado**, excludente e **seletivo**. É importante olhar com **críticidade** sobre a forma como é apresentado o processo de globalização e a forma como de fato o processo se apresenta na escala mundial, pois “as tentativas de construção de um mundo sempre conduziram a conflitos porque se tem buscado unificar e não unir” (SANTOS, 1993, p. 21). A globalização corrobora para a unificação do mundo que está uniformizado pelo capital, porém, é profundamente desigual, contraditório e altamente excludente com aqueles que não servem ao capital.



TERMO DO GLOSSÁRIO: Fragmentado: Que se conseguiu fragmentar; que foi alvo de fragmentação, de divisão ou de separação; que foi repartido em pedaços ou partes menores: país fragmentado.

Seletivo: Que se refere à seleção ou que a realiza.

Críticidade: Característica de crítico, do que se fundamenta ou é estabelecido a partir de um juízo de valor

Para Ortiz (1996), a globalização é um fenômeno econômico que visa a expansão, em rede mundial, das grandes corporações empresariais, levando a criação de necessidades de certos padrões de consumo, **standards**, às mercadorias e à linguagem. É quebrada a barreira espaço/tempo, sem sair de onde estamos podemos viajar virtualmente pelo mundo todo. Para Ianni (2002, p. 13) “a terra ‘mundializou-se’ de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua significação histórica”.



TERMO DO GLOSSÁRIO: Standards: Modelo, tipo, padrão, norma.

As sociedades sofrem influência pelo processo de globalização, pois há mudança de alguns hábitos, através dos meios de comunicação, para a implantação de consumo de produtos próprios das empresas globais que buscam homogeneizar culturas. No entanto, aspectos locais continuam fortemente presentes na população, diferenciando as culturas e resistindo ao processo de globalização cultural. Segundo Santos (1996, p. 273), “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. Para o autor supracitado, é no lugar que a cultura ganha sua dimensão simbólica e material, combinado aos espaços globais, nacionais, regionais e locais.



SAIBA MAIS: para saber mais sobre Milton Santos, acesse o site: <http://miltonsantos.com.br/site/biografia/>

O processo de globalização desencadeou vários problemas socioeconômicos em diversas partes do globo, dando origem aos movimentos antiglobalização, formados por Organizações Não Governamentais (ONGs), sindicatos, movimentos ambientalistas, grupos indígenas, entre outros. As manifestações durante a conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC), em **Seattle** (Estados Unidos), em dezembro de 1999, deram origem do movimento antiglobalização. Foram 40 mil manifestantes que protestaram no mundo, à margem de reuniões internacionais, e foram responsáveis pelo fracasso da conferência ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC) para o lançamento de uma nova rodada comercial. Para a maioria desses movimentos com a globalização, as transnacionais obtiveram poder e estão configurando o mundo de acordo com os seus interesses econômicos.



INTERATIVIDADE: assistir o filme “A Batalha de Seattle” (2007, Stuart Townsend) – o filme relata as manifestações antiglobalização, destacando as mazelas que o formato da globalização trouxe ao planeta. O tema se desenvolve na tensa situação que ocorreu na reunião da OMC (Organização Mundial do Comércio) em Seattle, no ano de 1999, onde cerca de 100 mil manifestantes causaram estragos na cidade americana.

Para contextualizar vamos analisar o processo histórico da globalização. O tema globalização se faz presente nas esferas no mundo contemporâneo, exercendo grande influência nas relações humanas dentro das escalas geográficas. Apesar de ser um tema atual, muitos autores consideram o início desse fenômeno com as grandes navegações, com a internacionalização do capital e da produção. Agora vamos destacar quatro fases do processo histórico da globalização.

De acordo com Santos (1978), a revolução **neolítica** e as trocas monetárias foram os primeiros indícios de aumento da interdependência entre regiões. Porém, para o autor, foi com o capitalismo comercial e as **Grandes Navegações** que se ampliou as interdependências de abrangência global. O capitalismo é um sistema econômico e social de mercado, em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada, com fins lucrativos, trabalho livre assalariado, seguindo a lógica do aumento de rendimentos. O **capitalismo** como sistema de produção pode ser dividido em três fases distintas: o Capitalismo Comercial, o Capitalismo Industrial e o Capitalismo Financeiro.



TERMO DO GLOSSÁRIO: Neolítica: segundo período da Idade da Pedra; Idade da Pedra Polida.



SAIBA MAIS: sobre as grandes navegações, leia o resumo na página: <https://www.resumoescolar.com.br/historia/resumo-das-grandes-navegacoes/>

Sobre as fases do capitalismo, consulte o site Brasil Escola:
brasilecola.uol.com.br/geografia/fases-do-capitalismo.htm

A Globalização passou por diferentes momentos, de acordo com a intensidade das relações. A primeira fase diz respeito ao período das grandes navegações (século xv ao xviii), em que as relações se estabelecem entre colônia/metrópole mantendo a relação de exploração: matérias-primas para as metrópoles e produtos manufaturados à colônia. Esse período coincidiu com a expansão marítima europeia, responsável pela gradativa transformação da estrutura social da época – anteriormente a esse predomínio as sociedades eram pouco ou nada integradas entre si. A principal característica desse período foi o incremento das colônias europeias na América e, mais tarde, na África e na Ásia. Nesse período, também, foi consolidada a Divisão Internacional do Trabalho, em que países da Europa mantinham a relação de fornecedor de mercadorias e os países (colônias) forneciam matérias-primas e trabalho escravo para a manutenção do sistema capitalista comercial de produção na relação explorador/explorado.

A Segunda Fase da Globalização compreende meados do século xix e início do século xx. Nesse período, ocorreu a **expansão da dominação colonial da Europa** sobre os territórios da Ásia e África. O continente europeu passou a consolidar a **industrialização**. Foi sendo construído o Capitalismo Industrial, além de se formarem as bases para a instauração do Capitalismo Financeiro. Os avanços promovidos pela indústria ampliaram o sistema de comunicação e transporte que, por sua vez, sofreram ampliações, difundindo ferrovias, automóveis, aviões, telégrafos, telefonia, interligando os continentes, consolidados na lógica de dominação e dependência socioeconômica. A **Divisão Internacional do Trabalho** também foi ampliada e nos países industrializados passaram a fornecer produtos industrializados e recebendo de suas colônias produtos primários.



SAIBA MAIS: sobre a expansão da dominação colonial da Europa sobre os territórios da Ásia e África, consulte o site: <http://www.tancredoprofessor.com.br/conteudo/24/imperialismo,-a-expansao-colonial-sobre-a-asia-e-a-africa>

Sobre as Revolução Industrial, acesse o site: <https://mundoedu.com.br/uploads/pdf/534e39d3e1aof.pdf>

Para aprofundar no assunto Divisão Internacional do trabalho, leia o site: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/divisao-internacional-trabalho-dit.htm>

A globalização pode ser considerada como o conjunto de transformações na ordem econômica, social, cultural e política. Descreve a conjuntura do sistema capitalista desde o final do século xx, criando e recriando relações **simbólicas/materiais/dialéticas**. Esse processo é acompanhado e impulsionado pelo desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação e transporte no final do século xx e início do século XXI.



TERMO DO GLOSSÁRIO: Simbólica: Método de interpretação dos mitos politeístas, considerados como símbolo de fenômenos naturais e fatos históricos ou culturais.

Materiais: Conjunto dos objetos, dos instrumentos utilizados num serviço, numa atividade.

Dialética: [Filosofia] Marx. Procedimento através do qual o pensamento que, confundido com o ser, se consegue desenvolver num ritmo ternário (formado por três unidades), sendo aplicado às contradições econômicas presentes na história da humanidade.

A globalização vem acompanhada de um conjunto de mudanças no processo de produção e **acumulação de capital**, nas relações de trabalho, fluxo de pessoas, capitais e informações no mundo.



SAIBA MAIS: sobre a acumulação de capital, consulte o site: http://www.economiabr.net/economia/1_hpe10.html

A figura 26 apresenta as rotas aéreas comerciais no mundo em junho de 2009. Destacam-se na figura 26 os fluxos mais intensos entre os países ricos desenvolvidos, a centralização das relações internacionais entre esses países e a exclusão de outros.

FIGURA 26 – Rotas aéreas comerciais no mundo.



FONTE: Wikipédia Globalização. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Globalização](https://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o)

O processo de globalização está estritamente ligado aos meios de transporte, permitindo a mobilidade de mercadorias e pessoas. O incremento da dispersão das empresas multinacionais e a revolução dos meios de transporte, ligados ao sistema de comunicação, permitiram o aumento da mobilidade de pessoas e mercadorias no mundo. O transporte aéreo favoreceu o fluxo de pessoas e mercadorias internacionalmente, por ser dinâmico e rápido. A figura 26 apresenta os fluxos mundiais

bem como os pontos fixos de relações entre local e global. Por exemplo, no Brasil, o ponto mais elevado de fluxos está localizado em São Paulo que se relaciona principalmente com a Europa e os Estados Unidos.

A revolução nos meios de comunicação e avanços tecnológicos dos meios de comunicação proporcionou um grande fluxo de troca de ideias e informações na história da humanidade. A figura 27 apresenta os cabos submarinos dispostos no globo terrestre para manter a internet.

FIGURA 27– Cabos submarinos e avanços tecnológicos dos meios de comunicação



FONTE: Wikipedia Globalização. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Globalização](https://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o)

A base estrutural, representada na figura 27, possibilitou o aumento dos fluxos de informações nas últimas décadas e o avanço das telecomunicações através da informática, o que permitiu a transmissão de dados, imagens, texto e voz em volume e rapidez cada vez maior, intensificado pelo fluxo de informação. **A revolução dos meios de comunicação e transporte** possibilitou a disputa entre países e empresas, a partir da facilidade de circulação do capital de um país para outro, seja para a venda de mercadorias, para a instalação de filiais de empresas ou para aplicações financeiras.



SAIBA MAIS: consulte a resenha do Livro de SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 384 p. Disponível no Site: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15867/8962> - Consultado em 05/01/2018.

A Terceira Fase da Globalização compreende o final da **Segunda Guerra Mundial** até o fim da Guerra Fria (1945 – 1991), que marca a bipolaridade do mundo entre capitalistas liderados pelos Estados Unidos da América e os socialistas liderados pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esse período foi caracterizado pelo avanço na tecnologia conhecido como Terceira Revolução Industrial. Com o fim da Guerra Fria, o capitalismo liberal torna-se hegemônico e amplia-se o uso das técnicas para reprodução capitalista. Para Santos (2006, p. 29), “as técnicas são um

conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada.”



SAIBA MAIS: sobre a Segunda Guerra Mundial, consulte o site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial

Em 1970, Santos (1998) apresenta o conceito de meio técnico-científico-informacional - para explicar esse momento histórico -, que transforma a natureza para proporcionar a exploração e dominação das nações ricas em relação às nações pobres. Cria-se padrões técnicos em escala global, proporcionando o rápido deslocamento de pessoas/mercadorias, e a instantaneidade dos fluxos de capitais e informações. O meio técnico-científico-informacional é marcado pela aplicação da ciência à técnica, que por sua vez é carregada de informação.

Na atualidade, as relações econômicas, políticas, culturais, sociais e tecnológicas têm se tornado mais complexas, nas quais o conhecimento e a tecnologia assumem papel importante. Santos (2006) discorre sobre o meio técnico-científico-informacional, como a nova análise do espaço e do tempo. É aí que se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional e determinados lugares se tornam espaços mundiais (SANTOS, 1998). Na charge, figura 28, faz-se uma crítica ao atual sistema de globalização imposto, destacando a Divisão Internacional do Trabalho em que os países pobres são dependentes dos países ricos no conceito de desenvolvido/subdesenvolvido.

FIGURA 28 – Charge e as relações entre os países da globalização



A globalização ampliou a dominação da produção pelas grandes transnacionais sediadas nos países ricos, aumentando sua participação na economia mundial. Com isso, os países pobres continuam dependentes da exportação de produtos primários de baixo valor agregado e os países ricos exportam produtos avançados, consequentemente mais caros.

FONTE: NTE/UFSM

A tecnologia cada vez mais sofisticada tem sido algo positivo para a sociedade humana, considerando os avanços na saúde, educação e informação. O meio técnico-científico-informacional, associado aos benefícios, trouxe graves problemas, como a acentuação da desigualdade entre países e entre as pessoas, agravamento dos problemas ambientais e outros.

A Quarta Fase da Globalização, de 1989 aos dias atuais, resultou na **Ordem Multipolar ou Nova Ordem Mundial**, através do colapso da URSS que extinguiu a ordem da Guerra Fria. Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o esfacelamento da União Soviética, em 1991, o mundo se viu diante de uma nova configuração política. A soberania dos Estados Unidos prevaleceu e o capitalismo se estendeu por praticamente todo o mundo. A OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) se consolidou como o maior e mais poderoso tratado militar internacional.



SAIBA MAIS: sobre Ordem Multipolar ou Nova Ordem Mundial, consulte o site: <http://flavioebueno.blogspot.com.br/2017/03/resumao-ordens-mundiais.html>

A Nova Ordem Mundial acaba por intensificar o processo de globalização e da difusão de um meio tecnificado através da informática e telecomunicações, indicando um rearranjo geopolítico das potências mundiais. Na Nova Ordem Mundial, passamos a viver na **Era Digital** e isso vem permitindo às grandes potências mundiais implantar a padronização e **aglutinação** daquilo que marca a vida da sociedade global, influenciando no que sabem, pensam e conhecem. A Globalização carrega, além de um fenômeno expansionista, a apropriação de espaços, comercial, político e principalmente ideológico. No seio das transformações proporcionadas pela globalização está a cultura, enquanto produto humano construído historicamente e que se encontra submetido ao que se convencionou chamar Nova Ordem Mundial.



SAIBA MAIS: sobre a Era Digital, consulte o site: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/era-informacao.htm>



TERMO DO GLOSSÁRIO: Aglutinação: Ação de aglutinar, de unir, de ficar fortemente ligado.

A revolução dos meios de transporte e comunicação permite o acesso às notícias e informações transmitidas em tempo real. Os conflitos, ataques terroristas, movimentação da bolsa de valores, entre outros, podem ser acompanhados diariamente. Os padrões e valores socioculturais predominantes na Europa Ocidental e nos Estados Unidos difundiram-se pelo mundo.

Tem sido usado para caracterizar um conjunto aparentemente bastante heterogêneo de fenômenos que ocorreram ou ganharam impulso a partir do final dos anos 80 – como a expansão das empresas transnacionais, a internacionalização do capital financeiro, a descentralização dos processos produtivos, a revolução da informática e das telecomunicações, o fim do socialismo de Estado na ex-URSS e no Leste Europeu, o enfraquecimento dos Estados nacionais, o crescimento da influência cultural norte-americana etc. –, mas que estariam desenhando todos uma efetiva ‘sociedade mundial’, ou seja, uma sociedade na qual os

principais processos e acontecimentos históricos ocorrem e se desdobram em escala global (ALVAREZ, 1999, p. 97).

De acordo com o autor supracitado, a globalização envolve o caráter social, político, econômico e cultural em escala mundial. A globalização para Santos:

[...] marca a ruptura nesse processo de evolução social e moral que se vinha fazendo nos séculos precedentes. É irônico recordar que o progresso técnico aparecia, desde os séculos anteriores, como uma condição para realizar essa sonhada globalização com a mais completa humanização da vida do planeta. Finalmente, quando esse processo técnico alcança um nível superior, a globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade (SANTOS, 2000, p. 65).

A globalização não atinge todas as nações do globo terrestre. Portanto, não é um processo homogêneo, e sua expansão não é uniforme em todas as partes da Terra – muito pelo contrário, o que se tem é um processo descontínuo, seletivo e excludente. De acordo com Santos (2001, p. 23) “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. Em seu processo não sofreu interrupção, porém, ocorreram momentos de menor e maior dinamismo. Esse processo foi ganhando novas configurações e alterando o espaço geográfico em seus aspectos de acordo o ritmo do capital e da produção.

[...] mundializam-se as instituições mais típicas e sedimentadas das sociedades capitalistas dominantes. Os princípios envolvidos no mercado e no contrato generalizam-se, tornando-se padrões para os mais diversos povos, as mais diversas formas de organização social da vida e do trabalho, independentemente das culturas e civilizações (IANNI, 2001, p. 102).

Ocorre a flexibilização dos meios produtivos, assim como há produtos em vários países. A globalização acompanha os efeitos da expansão do capitalismo, ao mesmo tempo em que promove sua expansão, sobrepondo as diversas formas de organização da vida social/cultural.

Vista em perspectiva histórica ampla, a globalização vem de longe e envolve diversas formas de organização e dinamização das forças produtivas e das relações de produção: acumulação originária, mercantilismo, colonialismo, imperialismo e globalismo. São várias, diferentes e inter-relacionadas as formas pelas quais o capitalismo se desenvolve, transforma e generaliza, ao longo da história e da geografia (IANNI, 2001, p. 183).

Consideramos que a Globalização é um processo que está em curso, totalmente dinâmico e mutável, originada com as grandes navegações e as descobertas dos

continentes, que busca formas de expansão capitalista. Nos anos de 1990, com a queda do muro de Berlim, a desintegração do leste europeu e o desmembramento das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o mundo passou a ser multipolar, prevalecendo a comunicação e a interligação baseada no tripé: pessoas, mercadorias e capitais.

4.1.1 Transformações tempo/espaço

Com o processo de globalização, metaforicamente, as distâncias parecem diminuir, permitindo a criação de vários conceitos. Com a redução das distâncias, as pessoas convivem e se relacionam em um movimento oscilante do local ao global. Na escala global, é comum falar sobre a tendência à padronização, homogeneização e fragmentação do espaço, uma vez que a noção do tempo e espaço são reconstruídos a partir dos avanços das comunicações. A Globalização, o comércio e os meios de comunicação, como mostra a figura 29, estão estritamente ligadas ao sistema produtivo entre os países, intensificando o fluxo de pessoas e mercadorias ou afastando de acordo com os interesses comerciais.

FIGURA 29 – Globalização, o comércio e os meios de comunicação



FONTE: NTE/UFMS

Com a disseminação das informações, os transportes promovem o “encolhimento” das distâncias e a economia promove a acumulação flexível de capital. Esse processo cria e recria culturas padronizadas e fragmentadas para o consumo, ou seja, a formação da chamada “aldeia global”, na qual ilusoriamente tudo está interligado. O conceito de aldeia global, do filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan (1971) previa a interação entre povos, com o progresso tecnológico reduzindo o planeta à situação de uma aldeia, ou seja, há possibilidade de se intercomunicar, independentemente da distância.

A noção de aldeia global é bem uma expressão da globalidade das ideias, padrões e valores sócio-culturais, imaginários.

Pode ser vista como uma teoria da cultura mundial, entendida como cultura de massa, mercado de bens culturais, universo de signos e símbolos, linguagens e significados que povoam o modo pelo qual uns e outros situam-se no mundo, ou pensam, imaginam, sentem e agem (IANNI, 2001, p. 119).



INTERATIVIDADE: aldeia global - assistir o vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vvsA2UAKu9c>

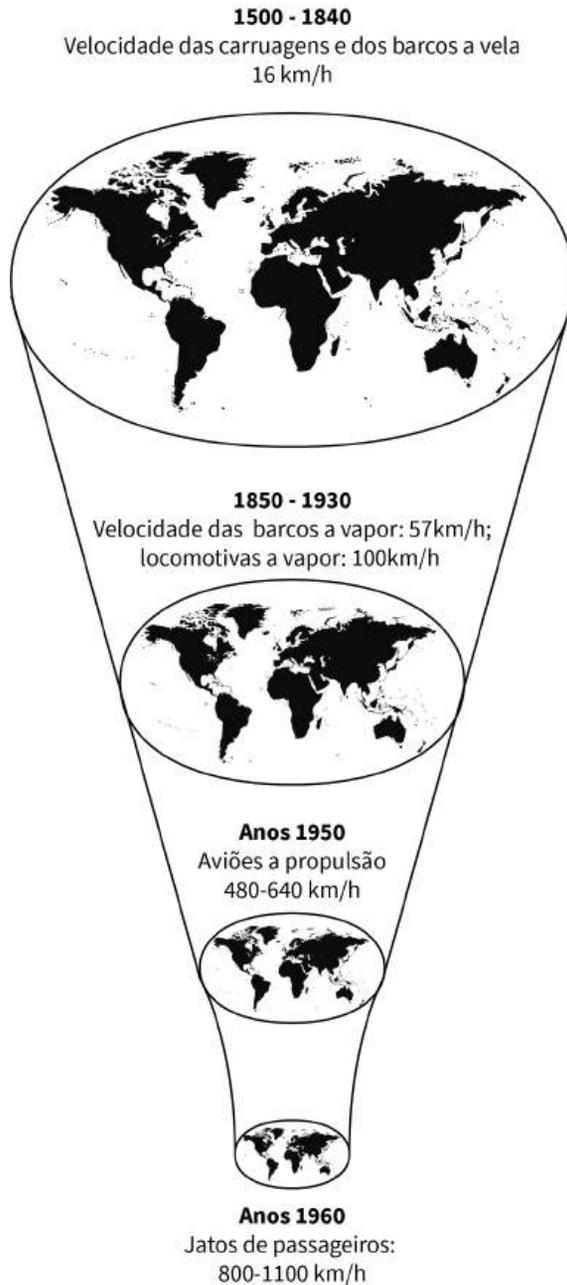
As possibilidades de deslocamento e o rompimento de barreiras espaciais, a questão do encurtamento de distâncias e a homogeneização de espaços estão a serviço da concentração de capital em nível mundial, reafirmando a ordem econômica que nega a luta de classes.

Se desenvolve com a globalização o conceito de compressão **espaço-tempo**, que profere sobre a diminuição das distâncias no sentido simbólico e o avanço das tecnologias se sucede em um curto espaço de tempo. De acordo com Harvey (1993), o conceito de “compressão do tempo-espaço” consiste em compreender os métodos que alteram a maneira com a qual as pessoas representam o mundo para si mesmos. Para o autor, os efeitos causados pela quebra de barreiras temporais e espaciais geram sensações de encolhimento em uma aldeia global.

[...] o mundo parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa ‘espaçonave terra’ de interdependências ecológicas e econômicas e, que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe no presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal. (...) A experiência da compressão do tempo espaço é um desafio, um estímulo, uma tensão, (...) capaz de provocar (...) uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas (HARVEY, 1993, p. 219–220).

Na figura 30, Harvey (1993, p. 219) “ilustra, na forma de funil, as modificações do entendimento tempo-espaço”, a partir a revolução dos meios de transporte e comunicação. A diminuição simbólica na imagem configura-se como se o mundo estivesse diminuído. Segundo Harvey (1993), esses são os efeitos causados pela ruptura das barreiras temporais e espaciais, que dão efeito de encurtamento das distâncias, formando a aldeia global de telecomunicações que marca a vida pós-moderna. A figura 30 retrata a diminuição da representação do mundo em quatro fases, relacionando cada uma delas à velocidade dos meios de transporte da época.

FIGURA 30 – O encolhimento do mapa do mundo graças a inovações nos transportes que “aniquilam o espaço por meio do tempo”.



FONTE: (HARVEY, 1993, p. 220).

A dinâmica mundial está relacionada com as mudanças socioculturais. Para Harvey (2009), o **espaço e o tempo** são categorias básicas da existência humana, que necessitam ser redefinidas, pois a conflagração dos meios de transporte e comunicação revolucionou suas qualidades objetivas e essas forças alteraram radicalmente o modo de representação do mundo. De acordo com o autor, há “fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal

grau que por vezes o mundo aparece encolher sobre nós” (HARVEY, 1993, p. 219). De acordo com Harvey (1993), a compreensão do espaço-tempo está associada à mudança do modo de pensar pós-modernista.



SAIBA MAIS: para entender melhor a questão de espaço e tempo na perspectiva de Harvey, leia o artigo: “O espaço e o tempo da cidade” de Aluizia Marcia Fonseca de Lima [UFPB] no site: <http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST113.pdf>

O autor David Harvey contribui com a definição do conceito de espaço em um mundo em movimento contínuo, onde a técnica e a informação desempenham função. Para o autor, o período atual é marcado por intensa compressão do espaço-tempo, que influencia, desorienta e rompe com as práticas político-econômicas, sobre a vida social e cultural das pessoas.

Se os capitalistas se tornam cada vez mais sensíveis às qualidades espacialmente diferenciadas de que se compõe a geografia do mundo, é possível que as pessoas e forças que dominam esses espaços os alterem de um modo que os torne mais atraentes para o capital altamente móvel. As elites dirigentes locais podem, por exemplo, implementar estratégias de controle da mão-de-obra local de melhoria de habilidades, de fornecimento de infra-estrutura, de política fiscal, de regulamentação estatal, etc., a fim de atrair o desenvolvimento para o seu espaço particular. Assim, as qualidades do lugar passam a ser enfatizadas em meio às crescentes abstrações do espaço. A produção ativa de lugares dotados de qualidades especiais se torna um importante trunfo na competição espacial entre localidades, cidades, regiões e nações. Formas corporativas de governo podem florescer nesses espaços, assumindo elas mesmos papéis desenvolvimentistas na produção de climas favoráveis aos negócios e outras qualidades especiais (HARVEY, 2009, p. 266).

Nesse sentido, as novas “qualidades” do espaço e suas especificidades na construção de territórios e lugares foi a crescente integração dos mercados, produção e finanças, dialeticamente, que funda uma nova divisão territorial do trabalho e cria e recria desigualdades no espaço mundial. Esse processo corrente tomou forma com a transição do modelo de acumulação fordista para o de acumulação flexível. A compreensão de espaço e tempo está vinculada à velocidade dos fluxos transitados por redes materiais de comunicação e informação. Para Harvey (2011), diferentemente do modelo de acumulação fordista, em que os trabalhadores estavam concentrados no tempo e espaço determinado, a acumulação flexível, através das novas tecnologias, pusera fim à antiga ordem espaço-temporal, reestruturando o processo produtivo. A partir daí foram implantadas novas formas organizacionais e novas tecnologias produtivas, tais como “as novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, as taxas altamente intensificadas

de inovação comercial, tecnológica e organizacional”, caracterizam o novo modelo de produção que se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo (HARVEY, 2011, p. 140).

A acumulação flexível

[...] caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1992, p. 140).

Para Harvey (1992, p. 148), a flexibilidade teve a virtude de superar a rigidez do sistema fordista e, em contrapartida, passou a atender, de forma ampla, as necessidades do mercado. Ocorre o rompimento do processo de produção, baseado no princípio da "estandardização" e na reestruturação completa da economia. Os fluxos de capitais se tornam velozes e ágeis: "a capacidade de dirigir os fluxos de capital para lá e para cá, – resultado do gerenciamento eletrônico dos mercados de capitais globais –, quase parece desprezar as restrições de tempo e de espaço" (HARVEY, 1992, p. 152), o que invalida a noção de tempo, mudando para a noção virtual e complexa.



TERMO DO GLOSSÁRIO: ação de uniformizar os elementos que compõem uma série (ou conjunto), fazendo com que eles possuam o mesmo modelo ou padrão; padronização.

A flexibilidade da circulação global de capital, segundo Harvey (1992), demonstra a caracterização da dimensão econômica da globalização, pois através dela ocorre a nova organização do capitalismo através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis, que são possibilitadas pela inovação tecnológica.

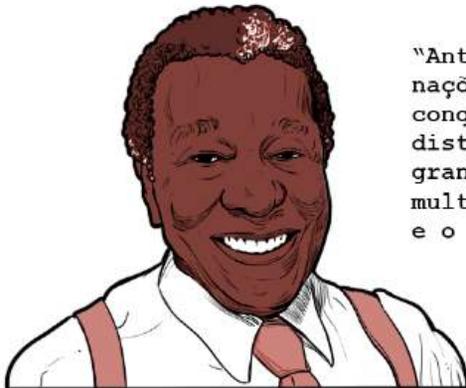
A flexibilidade da produção e dos fluxos no processo de globalização é movida pela busca de maiores lucros. A transferência do capital corporativo de regiões de altos salários para regiões de baixos salários, ou seja, países desenvolvidos para países subdesenvolvidos, tem criado o que Harvey (1992) chama de “fordismo periférico”, pois, na busca incessante do lucro, sistemas padronizados de produção da época fordista foram transferidos para a periferia. Já o capital flexível, surge e desaparece nos espaços que lhe convier, diferente da fábrica fordista em que ficava preso nos pesados prédios e maquinarias.

4.2

GLOBALIZAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A globalização veio acompanhada de diversos dilemas para a sociedade e para a economia, em que se estreitaram as relações comerciais entre os países e as empresas. As multinacionais contribuíram para a efetivação desse processo, tendo em vista que desenvolveram suas atividades em diferentes territórios. A globalização é produto do processo de formação da economia na dimensão planetária. Para Santos (2010), a globalização está produzindo mais e mais desigualdades sociais, e, ao contrário do que se acreditava no passado, continuam a crescer as desigualdades sociais. O sistema produtivo foi fragmentado e as empresas, que em muitos casos estão localizadas em países desenvolvidos, dividem as etapas da produção em vários países, para atender suas vantagens comparativas (proximidade da matéria-prima, mão-de-obra barata, mercado consumidor, leis ambientais pouco rigorosas, isenção de impostos, etc.). A figura 31 de Milton Santos faz referência às relações entre as nações no período da colonização, em que as disputas eram por território, e com o processo de globalização entram em cena as multinacionais pela conquista dos mercados.

FIGURA 31 – Santos e as multinacionais na era da globalização



“Antigamente as grandes nações mandavam seus exércitos conquistar territórios e o nome disto era colonização. Hoje as grandes nações mandam suas multinacionais conquistar mercados e o nome disto é globalização”

Milton Santos

FONTE: NTE/UFSM

A revolução do Meio Técnico Científico Informacional fora crucial para a integração entre países, região e lugares do mundo, (re)construindo redes de dimensões globais. Surge um novo mundo sob influência da tecnologia. A difusão do rádio, televisão, computadores e satélites artificiais permitiu a integração cada vez maior entre os povos, formando redes mundiais de comunicação. O espaço mundial está cada vez mais conectado por diversos tipos de redes geográficas.

O mundo em que vivemos está dominado pela tecnologia, conectados pelas redes digitais como a internet, que foi revolucionada pelas telecomunicações e os transportes. O espaço geográfico é construído e articulado a partir de diferentes redes que, num movimento dialético, interligam e fragmentam o território. As

funções das primeiras redes eram de distribuição, através delas circulavam matérias-primas, objetos, pessoas. Os objetos fluíam de forma lenta, movimentados pelas necessidades locais, condicionados pela infraestrutura da época. No entanto, com o advento do meio técnico-científico-informacional foram produzidas mudanças significativas na materialidade do território. Para Santos (1997), as redes contemporâneas são pontos escolhidos e ativados no território, que se interligam e interagem segundo comandos **diferenciados**.



SAIBA MAIS: leia o livro SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

O espaço mundial está cada vez mais conectado por diversos tipos de redes geográficas, que criam sistemas de interligação de fluxos, constituídos por pontos de acesso chamados fixos. Conforme os argumentos de Santos (1997, p. 77), “o espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço”. Especialmente, os fixos e os fluxos criam o suporte para a formação, a estruturação e a manutenção da rede. No espaço, existem entrelaçamentos entre os fixos e os fluxos, mesmo sendo diferentes, os fixos e os fluxos mantêm interações socioespaciais.

Para Santos (1997), o processo de organização espacial possui uma diferenciação entre os fixos e os fluxos. Segundo o autor, os fixos “são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens”, enquanto os fluxos “são o movimento, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo” (SANTOS, 1997, p. 77). Nesse sentido, Santos e Silveira (2003, p. 167) afirmam que “a criação de fixos produtivos leva ao surgimento de fluxos que, por sua vez, exigem fixos para balizar o seu próprio movimento”. Para esclarecer, os fluxos são os caminhos de produtos, informação e serviços que ligam os fixos, como as rotas aéreas e marítimas, internet, estradas, entre outros. Já os fixos são estruturas fixas, como prédios, casas, construções, relevo, entre outros. Através da interação entre os fluxos e fixos, que pode ser material (meios de transporte, edificações, etc.) ou imaterial (meios de comunicação, as ondas do rádio ou da internet, etc.), resulta o espaço geográfico.

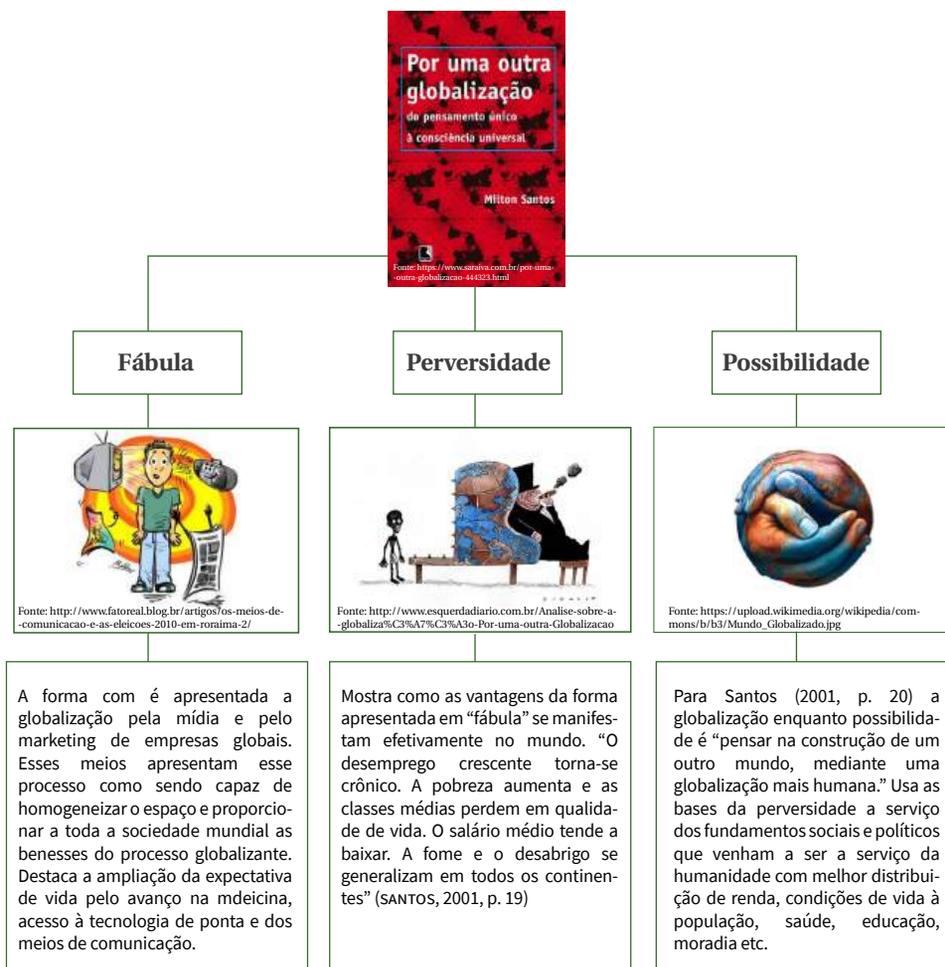
Para Santos (2001), a globalização possui três perspectivas interessantes apresentadas. Para compreender o processo fugindo de uma perspectiva enganosa, o autor define que “o primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como **fábula**; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como **perversidade**; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização” (SANTOS, 2001, p. 18).



TERMO DO GLOSSÁRIO: Fábula: [Figurado] Mentira, ilusão, objeto de zombaria ou desdém.

Perversidade: Particularidade ou característica daquilo ou de quem é perverso; em que há malvadeza; maldade. Ato ou comportamento perverso. Facilmente corrompido; em que há corrupção; depravação.

QUADRO 8 – Análise de Santos (2001) sobre globalização.



FONTE: Autores.



INTERATIVIDADE: para entender a globalização assista ao documentário “O mundo global visto do lado de cá”, de Silvio Tندر, disponível em: <https://acasadevidro.com/2015/07/14/o-mundo-global-visto-do-lado-de-ca-encontro-com-milton-santos-um-filme-de-silvio-tendler/>

Com o advento da globalização, empresas multinacionais produzem um mesmo produto em vários países e os exportam para outros. Ocorre também a fusão de empresas, com o objetivo de diminuir custos de produção e aumentar a produtividade. As multinacionais são empresas pertencentes a determinados países que possuem filiais em vários países do globo terrestre. Essas empresas possuem estratégia de economia e escala, em que o aumento na produção resulta na queda

do custo médio do produto e caracterizam a Terceira Revolução Industrial.

A produção efetivada por meio da industrialização se consolidou com capitalismo industrial, que, por sua vez, acaba substituindo as antigas formas de produção artesanais pela produção em série, com novas tecnologias. Para Volpi (2007, p. 45), “com a revolução industrial, a relação entre produção e consumo ganhou maior importância no mundo, encurtando a distância entre as duas pontas do relacionamento de consumo.” É reorganizada a nova divisão do trabalho e o processo produtivo é fragmentado. A fragmentação é utilizada no setor industrial e de serviços, através do aprimoramento das tecnologias de transporte em massa e comunicação em tempo real, desenvolvidas a partir da Terceira Revolução Industrial.

No seio das relações mundiais, culminam a crescente interdependência entre os povos, porém os países desenvolvidos são os maiores beneficiados, ficando cada vez mais ricos, enquanto os países em desenvolvimento ficam cada vez mais pobres. Esse processo ocorreu devido ao avanço tecnológico que intensifica a competitividade. Em sua maioria, as multinacionais dos países desenvolvidos se instalam em países em desenvolvimento que oferecem condições especiais como mão-de-obra barata, presença de matérias-primas e políticas que garantem menor custo.

O Consumo é o lema da globalização que visa a acumulação material. “Antigamente bastava ao capital produzir mercadorias, o consumo sendo mera consequência. Hoje é preciso produzir os consumidores, é preciso produzir a própria demanda e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias” (BAUDRILLARD, 1985, p. 16). As facilidades criadas pela globalização impulsionam o consumismo no mundo através da divulgação de novos produtos e facilitam as compras. Os padrões impostos pelo consumo se mostram insustentáveis.



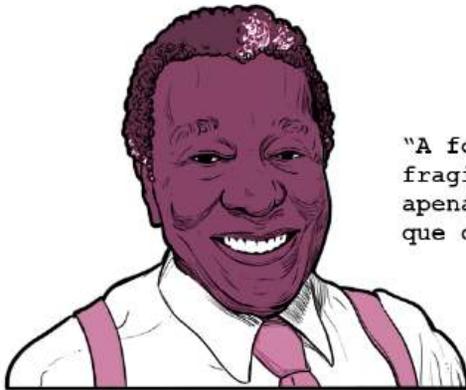
SAIBA MAIS: ler o livro: https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Territorio_Globalizacao_e_Fragmentacao_MiltonSANTOS.pdf

4.3

AS PERSPECTIVAS MUNDIAIS FRENTE AOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL

A globalização colaborou para as transformações no cotidiano das pessoas e nas suas relações com o meio. As proporções globais atingidas pelo capitalismo como modo de produção e processo de civilização afetam as esferas da sociedade. Ocorreram arranjos territoriais nas relações entre países, grupos sociais, Estados e nações. A globalização conduz a processos de fragmentação que se manifestam na forma de exclusão, reforçando desigualdades e promovendo relações dialéticas. A figura 32 apresenta análise sobre a alienação do trabalho em tempos de globalização.

FIGURA 32 – Trecho de Milton Santos.



"A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos que apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une"

Milton Santos

FONTE: NTE/UFSM

A formação da sociedade global, segundo Ianni (1995, p. 163), "incute em praticamente todas as realidades preexistentes novos significados, outras conotações". A globalização se concretiza em um território/mundo globalmente articulado, reproduzindo o capitalismo altamente contraditório e desigual. Esse processo abarca as dimensões produtiva, comercial, tecnológica e financeira, reproduzindo novos padrões tecnológicos que permite circulação de pessoas e mercadorias bem como trocas de produtos, capitais e informações aceleradas em todo o planeta. Isso culmina na nova ordem mundial, em que a estrutura de poder mundial é definida e controlada por interesses das grandes corporações transnacionais e organismos internacionais que dominam o capital financeiro para países ricos, construindo territórios fragmentados.

A fragmentação pode ser inclusiva ou integradora, pautada numa lógica de "fragmentar para melhor globalizar", segundo Haesbaert (1998a) – um exemplo é a formação de blocos econômicos (União Europeia, Mercado Comum do Cone Sul, entre outros) –, e a fragmentação excludente ou desintegrada, que, ao mesmo tempo, é produto da globalização (a exclusão pela concentração de capital centralizada no

sistema capitalista) ou da resistência a ela (como grupos religiosos fundamentalistas, movimentos sindicais), denominadas de movimento antiglobalização.

Existem resistências às políticas neoliberais que vêm sendo implantadas com o advento da globalização. A Via Campesina tem abordado temas como a reforma agrária, soberania alimentar, questão de gênero, biodiversidade e recurso genéticos, direitos humanos e agricultura camponesa sustentável. Esse é um dos principais movimentos camponeses na atualidade que vem se destacando no cenário mundial através de ações e propostas confrontadas na atual política agrícola, como a Organização Mundial de Comércio (OMC), o Banco Mundial, as empresas transnacionais como Monsanto e Syngenta.

A globalização modificou o papel do Estado-Nação, em muitos os casos o Estado passou a atuar em prol da redução da proteção externa de suas economias. Para Santos (2002), o Estado-Nação parece ter perdido sua centralidade tradicional enquanto unidade privilegiada de iniciativa econômica, social e política, demonstrando seu enfraquecimento. Esse sistema sustenta condições estruturais de competitividade em escala global.

As diferentes análises de globalização têm em comum o foco na acelerada circulação de pessoas, capitais, mercadorias, identidades e imagens no espaço global. A **globalização** modifica o significado dos territórios e acrescenta novos objetos e ações diferentemente organizadas, que provocam ainda mais desigualdades.

ATIVIDADES – Unidade 4

1. Quais as principais características da globalização?
2. Quais foram os fatores que impulsionaram o processo de globalização no mundo?
3. Explique as três globalizações que Milton Santos se refere no livro *Por uma outra globalização*, destacando exemplos.
4. Paródia do Hino Brasileiro – “Hino do consumidor”. Para refletir: Faça uma análise crítica sobre a intenção do autor em fazer esta paródia. Qual é a relação das marcas com o processo de globalização? Destaque algumas marcas e suas influências no mundo.

Num Posto da  Ipiranga, às margens plácidas,
De um  heróico  retumbante
 da liberdade em  fulgido
Brilhou no  da Pátria nesse instante
Se o  dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço 
Em teu , ó liberdade
Desafio nosso peito à 
O , , Salve a 
 um sonho intenso, um rádio 
De amor e  a  desce
 formoso céu risonho 
A imagem do  resplandesce
 pela própria natureza
És belo  impávido colosso
E o teu futuro espelha essa 
 gelada!
Entre outras mil é ,  amada.
Do  deste Solo és mãe 
,  !!!


FONTE: Blog Entretenimentos. Disponível em: <https://blogentretenimentos.wordpress.com/tag/propaganda/>

5. Leia o texto do geógrafo Milton Santos, "*Por uma globalização mais humana*", para responder as seguintes questões:

- a. Quais são as implicações negativas do processo de globalização?
- b. Qual é o ponto-chave levantado pelo autor como o grande problema do processo de globalização?
- c. Qual a sua opinião sobre a globalização e o texto de Milton Santos?



INTERATIVIDADE: disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/351805-leia-por-uma-globalizacao-mais-humana-texto-do-geografo-milton-santos.shtml>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia, de um modo geral, compreende o aprender, aplicar, interagir, intervir nas questões de ordem social, política, cultural e econômica, levando em conta os fatores regionais e mundiais. Desta forma, o geógrafo precisa levar em consideração suas experiências trazidas enquanto discente, almejando a construção do conhecimento.

A Geografia é mesclada por elementos físicos e humanos, contudo, marcada fortemente pela dicotomia, devemos começar a pensar as denominadas correntes de pensamento geográfico, pois com elas objetivamos melhorar o entendimento da Geografia, tomando como diretriz mediadora a questão do capitalismo, por considerarmos que esses elementos são importantes para entendermos o desenvolvimento da ciência geográfica, ou seja, seu passado, seu presente e quiçá seu futuro.

Geografia é o lugar, o espaço, o território, as relações de poder, as trajetórias por nós percorridas, a viagem, o percurso, é nossa autobiografia, é nossa identidade como raça ou etnia, pois através da geografia entendemos o espaço geográfico e interferimos nas relações humanas, produtivas e espaciais.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. C. Cidadania e direitos num mundo globalizado. **Perspectivas**, São Paulo, n. 22, p. 95-107, 1999.

ALBA, R. S. **Espaço urbano**: os agentes da produção em Chapecó. 1. ed. Chapecó: Argos, 2002.

ALBA, R. S. Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó. 2. ed. rev. e atual. Chapecó: Argos, 2013.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R. (Org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. 1. ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2004.

ANDRADE, M. C. **A construção da Geografia Brasileira**. Finisterra, 1999, xxxiv.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BAUDRILLARD, J. **À sombra das maiorias silenciosas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRITO, F. B. Da origem da geografia crítica a geografia crítica escolar. Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 10., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

BASSAND, M. La dynamique des réseaux, de la société et leurs acteurs. In: MUSSO, P.; CROZET, Y.; JOIGNAUX, G. **Le territoire aménagé par les réseaux**. La Tour D'Aigues: Éditions de'Aube, 2002. p. 253-268.

BECKER, E. S. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006.

CARDOSO, J. A. L. **Reestruturação produtiva e mudança no mundo do trabalho**: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina. Tubarão (sc): Editora Studium, 2004.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CASTRO, J. **Geografia da Fome**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

- CAVALCANTI, A. **Fundamentos históricos da Geografia**. Teresina: EDUFPI, 2010.
- CAVALCANTI, S. L. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. São Paulo: Editora Papirus, 2010.
- CORRÊA, R. L. O espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, M. (Org.). **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.
- COSTA, J. M.; UEDA, V. Redes técnicas e território: notas sobre a reticulação espacial. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 32, p. 131-145, dez. 2007.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CAVALCANTI, S. L. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. São Paulo: Editora Papirus, 2010.
- CAVALCANTI, S. L. **A Geografia Escolar e a Cidade**. São Paulo: Editora Papirus, 2010.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- GOMES, P. C. O deslocamento geográfico dos conhecimentos e de seus intérpretes. In: SALGUEIRO, H. **Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira**. Bauru: Edusc, 2006. p. 223-32.
- HAESBAERT, R. (Org.) **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: Eduff, 1998.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Tradução de Adail Sobral e Maria Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 1993.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2009.
- HARVEY, D. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.
- HARVEY, D. **Para entender o capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo, SP: Boitempo, 2013.
- IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

- IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- KUENZER, Z. A. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIMA FILHO, D. L. **Dimensões e limites da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MARTINS, J. S. **O cativo da terra**. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. Livro I, Vol. 1 e 2.
- MCLUHAN, M.; FIORE, Q. **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- MÉSZAROS, I. A educação para além do capital. Tradução de Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MIZUSAKI, M. Y. **Território e reestruturação produtiva na avicultura**. 1. ed. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.
- MORAES, A. C. R. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: HUCITEC. Edusp, 1989.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2010.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 14 e 15.
- OLIVEIRA, A. U. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. 1. ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- PEREIRA, R. M. F. A. **Da geografia que se ensina a gênese da geografia moderna**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.
- PAULINO, E. T. **Por uma geografia dos camponeses**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.
- SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. Revista Geocrítica. Madrid. 1999.

SANTOS, M. **Técnica espaço tempo Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____ et al. **Território Globalização e Fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. A aceleração contemporânea. In: SANTOS, M. et al. (Org.). **O novo mapa do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 15-22.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1988.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Por uma geografia nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, B. S. (Org.) **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortes, 2002.

_____. **A Geografia Escolar e a Cidade**. São Paulo: Editora Papirus, 2010.

SILVEIRA, E. L. D. Paisagem: um conceito chave em Geografia. In: EGAL- Encontro de Geógrafos da América Latina, 12., 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo, 2009.

SINGER, P. **O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: Moderna, 1987.

VOLPI, A. **A história do consumo no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Documentários:

Os tempos modernos de Chaplin: trabalho e alienação na Revolução Industrial. Disponível em: <https://dariosilva.wordpress.com/?s=chaplin>.

Documentário **Carne e Osso**.

Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/3218489/resumo-documentario-carne-e-osso>.

Documentário sobre **Biomassa e Energia**.

Disponível em: <https://www.biomassabioenergia.com.br/...documentario.../20131015-084438-j420>.

As correntes do pensamento geográfico.

Disponível em: <http://profdjacir.blogspot.com.br/2009/08/as-correntes-do-pensamento-geografico.html>.

Geografia.

Disponível em: <http://sigcursos.tripod.com/geografia.htm>.

O Espaço Geográfico, a Paisagem, o Lugar, o Território e a Região.

Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:X0ZgR-Z89sTYJ:carlosrabello.org/wp-content/uploads/2014/04/Aula-GEO-Mag1.ppt+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.

APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES RESPONSÁVEIS PELA ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Carmen Rejane Flores Wizniewsky

Possui graduação em Geografia Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (1987) e doutorado em Geografia e Ciências do Território – Universidad de Córdoba – Espanha (2001). Atualmente, é professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria, onde coordena o Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Faz parte como pesquisadora do Núcleo de Estudos da Paisagem e do Grupo de Pesquisa em Educação e Território. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia rural, Planejamento rural, agricultura familiar, educação do campo, agricultura ecológica e agroecologia.

Eliane Maria Foletto

Possui graduação em Geografia pela Faculdade de Ciências e Letras Imaculada Conceição (1989), mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003). Atualmente, é professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Núcleo de Estudos da Paisagem. Tem experiência na área de meio ambiente, atuando principalmente nos seguintes temas: Gestão Ambiental, Hidrogeografia e Áreas Protegidas.

Marilucia Ben Dos Reis

Possui graduação em Geografia pela Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu (2005), especialização em Gestão Ambiental pela Faculdade Padre João Bagozzi (2006), mestrado em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2011) e doutorado pela Universidade Federal de Santa Maria (2017). Atualmente é professora efetiva da rede pública de ensino do Paraná. Membro colaboradora do Grupo e Linha de Pesquisa em Ensino e Práticas de Geografia – ENGEIO, do Laboratório de Ensino de Geografia – LEG. Membro Colaboradora do Grupo de Pesquisa Educação e Território (GPET). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: modernização agrícola, agroindústrias, padronização de alimentos, cooperativismo, cooperativa, Geografia Econômica, Geografia Regional, Geografia Política, Geografia Aplicada ao Turismo, Território e Sociedade, Supervisão de Estágio e orientação de Trabalho

de Conclusão de Curso – TCC.

Valdir Skrzypczak

Possui graduação em Geografia – Universidade Comunitária Regional de Chapecó – Unochapecó (2005). Pós-Graduação em nível de especialização em Geografia e Gestão Ambiental Municipal e Regional pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó – Unochapecó (2006). Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – campus de Francisco Beltrão (2013). Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Professor efetivo da rede pública municipal de ensino, na cidade de Xaxim (SC). Atua na disciplina de Geografia no Ensino Fundamental II – séries finais. Membro do ENGEIO – Grupo de Pesquisa em Ensino e Práticas de Geografia, número do Grupo 34953/2011, cadastrado junto a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

João Silvano Zanon

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (2011). Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (2015). É membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Território, trabalha com Produção do Espaço e Dinâmica Regional, com ênfase nas temáticas relativas à Geografia Agrária, Ensino de Geografia e Desenvolvimento Rural. Desenvolve pesquisas nas áreas de Geografia Agrária e Geografia Regional, tendo como temas principais: Educação do Campo, Agricultura Familiar, Agroecologia, Agricultura Orgânica, Sustentabilidade Socioambiental, Desenvolvimento Rural Sustentável, Modernização da Agricultura, Políticas Públicas e o Espaço Rural, Poder Local e Desenvolvimento Regional. Atualmente é professor na Rede Municipal de Ensino no Município de Santa Maria – RS.